

Universidades Lusíada

Miguel, Diogo Filipe Pires, 2001-

Traços de personalidade, estilos de coping e tolerância ao assédio sexual na população portuguesa

<http://hdl.handle.net/11067/8814>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

A presente dissertação teve como objetivo principal validar o Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) para a população portuguesa e analisar a relação entre os traços de personalidade, os estilos de coping e a tolerância ao assédio sexual nos estudantes do ensino superior. Participaram 390 estudantes universitários (73,1% mulheres; Idade = 24,32 anos), recrutados por conveniência. Os instrumentos aplicados incluíram um questionário sociodemográfico, o Big Five Inventory, o Coping Styles...

This dissertation aimed to validate the Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) for the Portuguese population and to analyze the relationship between personality traits, coping styles, and tolerance to sexual harassment among higher education students. The sample comprised 390 university students (73.1% women; Mage = 24.32 years), recruited through convenience sampling. Participants completed a sociodemographic questionnaire, the Big Five Inventory, the Coping Styles Questionnaire, and t...

Palavras Chave

Estudantes Universitários - Psicologia, Ajustamento (Psicologia), Assédio sexual no ensino superior – Portugal

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:00:13Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**Traços de personalidade, estilos de *coping* e
tolerância ao assédio sexual na
população portuguesa**

Realizado por:
Diogo Filipe Pires Miguel

Orientado por:
Professor Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Orientador:	Professor Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas
Arguente:	Professora Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes

Dissertação aprovada em: 01 de julho de 2026



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

I N S T I T U T O D E P S I C O L O G I A E C I Ê N C I A S D A E D U C A Ç ã O

Mestrado em Psicologia Clínica

Traços de personalidade, estilos de *coping* e
tolerância ao assédio sexual na
população portuguesa

Diogo Filipe Pires Miguel

Lisboa

Julho 2025



UNIVERSIDADE LUSÍADA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrado em Psicologia Clínica

Traços de personalidade, estilos de *coping* e
tolerância ao assédio sexual na
população portuguesa

Diogo Filipe Pires Miguel

Lisboa

Julho 2025

Diogo Filipe Pires Miguel

Traços de personalidade, estilos de *coping* e
tolerância ao assédio sexual na
população portuguesa

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade Lusíada para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Professor Doutor Miguel da Costa
Nunes de Freitas

Lisboa

Julho 2025

FICHA TÉCNICA

Autor Diogo Filipe Pires Miguel
Orientador Professor Doutor Miguel da Costa Nunes de Freitas
Título Traços de personalidade, estilos de *coping* e tolerância ao assédio sexual na população portuguesa
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

MIGUEL, Diogo Filipe Pires, 2001-

Traços de personalidade, estilos de *coping* e tolerância ao assédio sexual na população portuguesa / Diogo Filipe Pires Miguel ; orientado por Miguel da Costa Nunes de Freitas. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - FREITAS, Miguel da Costa Nunes de, 1981-

LCSH

1. Assédio sexual no ensino superior - Portugal
2. Estudantes universitários - Psicologia
3. Ajustamento (Psicologia)
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Sexual harassment in universities and colleges - Portugal
2. College students - Psychology
3. Adjustment (Psychology)
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
5. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. LC212.83.P8 M54 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

A presente dissertação teve como objetivo principal validar o Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) para a população portuguesa e analisar a relação entre os traços de personalidade, os estilos de coping e a tolerância ao assédio sexual nos estudantes do ensino superior. Participaram 390 estudantes universitários (73,1% mulheres; $M_{idade} = 24,32$ anos), recrutados por conveniência. Os instrumentos aplicados incluíram um questionário sociodemográfico, o *Big Five Inventory*, o *Coping Styles Questionnaire* e a versão portuguesa do TSHI, cuja adaptação seguiu um rigoroso processo de tradução-retrotradução e validação de conteúdo, sendo ainda antecedida por um estudo piloto. Os resultados das análises fatoriais exploratória e confirmatória suportaram uma estrutura unifatorial do TSHI com sete itens e níveis adequados de consistência interna ($\alpha = 0,75$). Foram observadas associações positivas entre a tolerância ao assédio sexual e os estilos de *coping* evitante, racional e distante/emocional. Inversamente, a tolerância ao assédio sexual apresentou correlações negativas com os traços de amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo, abertura à experiência e extroversão. Apesar destas associações, o modelo de equações estruturais não demonstrou efeitos significativos dos traços de personalidade nos estilos de *coping* e destes na tolerância ao assédio sexual, sugerindo a existência de fatores contextuais ou caminhos indiretos não captados. Conclui-se que a versão reduzida do TSHI é válida para o contexto português, sendo os estilos de coping e os traços de personalidade fatores relevantes a considerar em futuras intervenções de prevenção e promoção do bem-estar psicológico.

Palavras-chave: Traços de personalidade; Estilos de coping; Assédio sexual; Validação;

Ensino superior

Abstract

This dissertation aimed to validate the Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) for the Portuguese population and to analyze the relationship between personality traits, coping styles, and tolerance to sexual harassment among higher education students. The sample comprised 390 university students (73.1% women; *Mean* = 24.32 years), recruited through convenience sampling. Participants completed a sociodemographic questionnaire, the Big Five Inventory, the Coping Styles Questionnaire, and the Portuguese version of the TSHI, which was adapted via a rigorous translation–back-translation process and content validation, preceded by a pilot study. Exploratory and confirmatory factor analyses supported a unidimensional structure of the TSHI with seven items and satisfactory internal consistency ($\alpha = 0.75$). Positive associations were found between tolerance to sexual harassment and avoidant, rational, and distant/emotional coping styles. Conversely, tolerance to sexual harassment correlated negatively with agreeableness, conscientiousness, neuroticism, openness to experience, and extraversion. Despite these associations, the structural equation model did not show significant effects of personality traits on coping styles or of coping styles on tolerance to sexual harassment, suggesting the influence of contextual factors or indirect pathways not captured in this model. In conclusion, the reduced version of the TSHI is valid for use in the Portuguese context, and both coping styles and personality traits are relevant factors to consider in future prevention and psychological well-being promotion interventions.

Key-words: Personality traits; Coping styles; Sexual harassment; Validation; Higher education

Lista de Tabelas

Tabela 1- Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala.....	42
Tabela 2- Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala Item Individual.....	42
Tabela 3- Cargas Fatoriais.....	44
Tabela 4- Cargas Fatoriais Análise Fatorial Exploratória.....	45
Tabela 5- Índices de Fit Análise Fatorial Confirmatória.....	47
Tabela 6- Índices de Fit Análise Fatorial Confirmatória Ajustada.....	48
Tabela 7- Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala.....	49
Tabela 8- Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala Item Individual.....	50
Tabela 9- Índices de Fit da Modelagem de Equações Estruturais.....	52

Lista de Abreviaturas

APA- American Psychological Association

BFI- Big Five Inventory

CSQ- Coping Styles Questionnaire

DP- Desvio-padrão

IC- Intervalo de confiança

M- Média

SD- Standard Deviation (caso uses nos gráficos/legendas em inglês)

SPSS- Statistical Package for the Social Sciences

TSHI- Tolerance to Sexual Harassment Inventory

ITAS- Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual

α - Alfa de Cronbach

ω - Ômega de McDonald (caso tenhas usado; confirmar no texto)

EFA- Análise Fatorial Exploratória (Exploratory Factor Analysis)

CFA- Análise Fatorial Confirmatória (Confirmatory Factor Analysis)

Índice

Introdução	1
Personalidade	4
Abertura à experiência	4
Conscienciosidade	6
Extroversão.....	8
Agradabilidade	9
Neuroticismo	11
Estilos de Coping.....	13
Coping Racional.....	15
Coping Emocional.....	15
Coping Evitante.....	16
Coping Distanciado/Desligado	18
Tolerância ao Assédio Sexual.....	19
Definição e Tipos de Assédio Sexual.....	19
Contexto Histórico	21
Fatores Culturais e Sociais	22
Fatores Psicológicos	24
Impacto do Assédio Sexual	26
Percepções e Atitudes em Relação ao Assédio Sexual	27
Prevenção e Intervenção.....	29
Articulação Teórica entre os Construtos.....	30
Objetivos	32
Método	33
Participantes	33
Instrumentos	35

Questionário Sociodemográfico.....	35
Big Five Inventory (B.F.I.)	36
Coping Styles Questionnaire.....	37
Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual.....	38
Procedimento.....	39
Recolha de Dados	39
Análise de Dados	39
Estudo Piloto.....	40
Objetivo	40
Participantes	41
Resultados	42
Estudo Geral.....	44
Análise Fatorial Exploratória	44
Análise Fatorial Confirmatória.....	46
Análise Fatorial Confirmatória Ajustada	47
Análise de Consistência Interna	49
Análises de Associação	50
Modelagem de Equações Estruturais	52
Discussão	53
Referências.....	58
Material de Suporte.....	83

Introdução

A presente investigação apresenta como objetivo principal aferir a validação do instrumento Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) para a população portuguesa, tal como investigar a relação entre os traços de personalidade, os estilos de *coping* e a tolerância ao assédio sexual. Este estudo visa fornecer uma análise de como as características distintas da personalidade impactam os mecanismos de *coping* dos indivíduos e, subsequentemente, influenciam a sua tolerância em relação ao assédio sexual.

Apesar da crescente atenção dada ao assédio sexual em contextos académicos e laborais, verifica-se uma escassez de instrumentos psicometricamente validados para aferir a tolerância ao assédio sexual na população portuguesa. A maioria das escalas utilizadas em investigações nacionais limita-se a adaptar itens de medidas internacionais sem assegurar a sua validade cultural ou linguística. Entre os instrumentos existentes, destaca-se o Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI), desenvolvido por Lipschultz e Hilt (1994), o qual tem vindo a ser utilizado em diversos contextos culturais para aferir atitudes permissivas face ao assédio sexual (Lipschultz & Hilt, 1994).

No entanto, até à data, não existe uma versão validada para a população portuguesa, o que compromete a validade das interpretações realizadas com base na sua aplicação neste contexto. A escolha do TSHI fundamenta-se na sua estrutura concisa e unidimensional, focada especificamente na mensuração da atitude de tolerância face ao assédio, distinguindo-se de outras escalas mais centradas na perceção ou experiência do fenómeno (e.g., Sexual Experiences Questionnaire, Fitzgerald et al., 1988). Além disso, o TSHI é particularmente adequado à realidade portuguesa, uma vez que inclui itens sensíveis à justificação e normalização de comportamentos sexistas em ambientes laborais, o que corresponde a tendências identificadas na literatura nacional (Cabecinhas, 2010).

Assim, a presente investigação procura colmatar uma lacuna na literatura nacional ao

validar o TSHI para a população portuguesa, assegurando a sua fidelidade linguística e a sua adequação psicométrica. Esta validação permitirá não só a utilização segura do instrumento em futuras investigações, mas também a construção de diagnósticos mais rigorosos em contextos de prevenção e intervenção, contribuindo para uma compreensão mais profunda das atitudes que sustentam a perpetuação do assédio sexual em Portugal.

A personalidade, os estilos de *coping* e a tolerância ao assédio sexual são aspetos interligados que influenciam as respostas individuais a situações desafiadoras. Descobriu-se que os traços de personalidade, como o neuroticismo e a conscienciosidade, predizem diferentes estilos de *coping*, com o neuroticismo a ser associado ao *coping* orientado para a emoção e a conscienciosidade com o *coping* orientado para as tarefas (Leszko et al., 2020). Estes estilos de *coping*, por sua vez, desempenham um papel crucial na forma como os indivíduos gerem o stresse e a adversidade nos diversos contextos, incluindo as experiências de assédio sexual (Huang et al., 2021).

Os estilos de *coping* podem mediar a relação entre os traços de personalidade e o sofrimento psicológico (Huang et al., 2021). Por exemplo, os indivíduos com perfis de personalidade específicos podem apresentar diferentes estratégias de *coping* que afetam o seu bem-estar psicológico. Compreender estas interações é essencial para abordar as implicações para a saúde mental de eventos stressantes como o assédio sexual. Ademais, os estilos de *coping* têm sido identificados como fatores significativos na redução da ansiedade entre os adolescentes, destacando a importância de promover mecanismos positivos de coping (Li et al., 2023).

No contexto do assédio sexual, os estilos de *coping* podem influenciar a forma como os indivíduos respondem a estas experiências. Por exemplo, os indivíduos com estilos de coping ativos podem estar mais bem equipados para lidar e navegar com casos de assédio sexual, potencialmente reduzindo o impacto negativo na sua saúde mental (Wardani et al.,

2022). Por outro lado, os estilos de *coping* passivos têm sido associados ao aumento de problemas de saúde mental, enfatizando a importância de estratégias de *coping* eficazes na mitigação dos efeitos do assédio (Gong et al., 2021).

A tolerância ao assédio sexual é um fenómeno complexo influenciado por vários fatores, incluindo a socialização, as interações entre os pares e o clima organizacional (Brown & Biefeld, 2023; Ormerod et al., 2022). Os estudos recentes, têm destacado o papel da socialização de género na formação de atitudes em relação ao assédio, com as normas sociais muitas vezes perpetuando comportamentos passivos nas raparigas e tendências agressivas nos rapazes (Brown & Biefeld, 2023). A perceção da tolerância em relação ao assédio sexual pode impactar indiretamente o envolvimento académico dos indivíduos e os sentimentos de segurança, ressaltando as implicações mais amplas da tolerância nos diferentes ambientes (Ormerod et al., 2022).

A identidade feminista tem sido identificada como um fator protetor contra os efeitos negativos do assédio sexual, enfatizando a importância de compreender como as crenças e os valores individuais podem influenciar as perceções de assédio (Shi & Zheng, 2020). As plataformas de redes sociais, os grupos de pares e os ambientes escolares desempenham papéis significativos na formação de atitudes em relação ao assédio, destacando a necessidade de intervenções abrangentes que abordem esses fatores de socialização (Brown & Biefeld, 2023; Brown et al., 2020).

Os estilos de *coping* cruzam-se também com a perpetração e tolerância ao assédio sexual. Os indivíduos que se envolvem em atos de assédio na rua são mais propensos a exibir tolerância em relação ao assédio sexual, indicando uma ligação entre o comportamento e as atitudes neste domínio (DelGreco et al., 2020).

A literatura existente sobre a personalidade, os estilos de *coping* e a tolerância ao assédio sexual destaca várias lacunas que requerem mais exploração e pesquisa. Existe uma

lacuna na literatura sobre as estratégias de coping empregadas pelos indivíduos em resposta ao assédio sexual, especialmente nas ocupações dominadas por homens, onde as mulheres correm um maior risco de sofrer assédio (Riddle & Heaton, 2023).

Outra lacuna na literatura diz respeito à intersecção de traços de personalidade, estilos de *coping* e tolerância ao assédio sexual, particularmente em diversos contextos culturais (Nguyen, 2023). Investigar como os fatores de personalidade individuais influenciam as estratégias de *coping* face do assédio e como as normas culturais moldam as atitudes em relação à tolerância a esse comportamento pode oferecer uma compreensão mais abrangente das complexidades envolvidas na abordagem do assédio sexual.

Deste modo, o presente estudo procura contribuir de forma inovadora para o conhecimento científico em Portugal, não só através da validação de um instrumento de avaliação da tolerância ao assédio sexual, mas também pela análise integrada dos fatores individuais que podem influenciar a forma como as pessoas lidam com este fenómeno. Ao clarificar a interligação entre os traços de personalidade, os estilos de coping e a tolerância ao assédio sexual, espera-se fundamentar intervenções de prevenção e promoção do bem-estar psicológico em contextos académicos, organizacionais e clínicos. Esta validação permitirá não só a utilização segura do instrumento em futuras investigações, mas também a construção de diagnósticos mais rigorosos em contextos de prevenção e intervenção, contribuindo para uma compreensão mais profunda das atitudes que sustentam a perpetuação do assédio sexual em Portugal.

Personalidade

Abertura à experiência

A abertura à experiência é um traço de personalidade que é uma componente fundamental do Modelo dos Cinco Fatores (BFI), conhecido também como modelo Big Five, que categoriza a personalidade em cinco fatores principais: extroversão, neuroticismo,

agradabilidade, conscienciosidade e abertura à experiência (Othman et al., 2020). Este traço reflete uma inclinação do indivíduo para procurar novas experiências, ser imaginativo e ter uma ampla gama de interesses (Othman et al., 2020). A investigação demonstrou que a abertura à experiência está associada a vários aspetos do comportamento e cognição humanos, incluindo estilos de tomada de decisão, inteligência emocional, desempenho da memória e até intenções empresariais (Stolz et al., 2023).

Os indivíduos com um nível elevado de abertura à experiência tendem a exibir características como a curiosidade, a criatividade e a abertura de espírito, o que pode conduzi-los a tomar decisões mais arriscadas em comparação com aqueles com menores características (Ahmed et al., 2020). Esta propensão para a assunção de riscos está frequentemente ligada à natureza aventureira e exploratória dos indivíduos com um elevado grau de abertura. A abertura à experiência encontra-se negativamente associada à conectividade funcional da rede de modo padrão, sugerindo uma base neuronal única para este traço de personalidade (Marstrand- Joergensen et al., 2021).

A relação entre a abertura à experiência e os outros traços de personalidade tem também sido explorada. Por exemplo, a literatura suporta que os indivíduos que desejam mudar os seus traços de personalidade muitas vezes expressam um desejo de estarem mais abertos à experiência, juntamente com traços como extroversão, conscienciosidade e agradabilidade. Este desejo de maior abertura pode decorrer dos atributos positivos percebidos associados a essa característica, como a adaptabilidade, a criatividade e a disposição para abraçar novas ideias e perspetivas (Sun & Goodwin, 2020).

A abertura à experiência tem sido associada a vários resultados em diferentes contextos. No campo do empreendedorismo, os indivíduos com alto nível de abertura à experiência são mais propensos a ter intenções empreendedoras, impulsionados pela sua curiosidade, disposição para assumir riscos e abertura a novas oportunidades (Sarwoko &

Nurfarida, 2021).

Adicionalmente, em contextos educativos, a abertura à experiência tem sido associada a níveis mais elevados de escolaridade, indicando uma potencial ligação entre este traço de personalidade e o sucesso académico (Sarwoko & Nurfarida, 2021).

Ademais, a abertura à experiência tem sido estudada em relação à capacidade de produção de humor, com resultados a demonstrar consistentemente que os indivíduos com alto nível de abertura à experiência tendem a destacar-se na geração de humor (Sutu et al., 2021). Esta associação destaca os aspetos criativos e lúdicos dos indivíduos com elevados níveis de abertura, sugerindo uma ligação entre este traço de personalidade e os aspetos da interação social e comunicação (Rockers et al., 2023).

Em termos de bem-estar e felicidade subjetiva, a abertura à experiência desempenha um papel na formação das experiências e perceções dos indivíduos. Os indivíduos com um alto nível de abertura à experiência tendem a procurar ativamente novas experiências, apreciar a beleza e demonstrar vontade de explorar o desconhecido (Figueiredo et al., 2020).

No geral, a abertura à experiência representa uma dimensão chave da personalidade que influencia vários aspetos da vida de um indivíduo, desde a tomada de decisões e desempenho de memória até ao comportamento empreendedor e bem-estar subjetivo. A sua associação com a criatividade, a curiosidade, a assunção de riscos e a adaptabilidade sublinha a importância desta característica na forma como os indivíduos envolvem-se com o mundo que os rodeia e navegam nas complexidades da experiência humana (Othman et al., 2020; Stolz, 2023).

Conscienciosidade

A conscienciosidade é um traço fundamental da personalidade e engloba características como a organização, a eficiência, a confiabilidade, a racionalidade e a reflexão (Izquierdo, 2023). É uma componente chave do modelo dos cinco fatores, que inclui também

a extroversão, abertura à experiência, agradabilidade e neuroticismo (Othman et al., 2020). Os indivíduos com um elevado nível de conscienciosidade são direcionados a objetivos, planeados, detalhistas e tendem a aderir a normas e regras sociais (Gönenç et al., 2020). Descobriu-se que esta característica correlaciona-se positivamente com vários aspetos do bem-estar psicológico (Damariyanti et al., 2023). Além disso, os indivíduos conscientes são conhecidos pela sua ponderação, bom controlo de impulsos, organização, competência, responsabilidade e rigor (Charoenkul & Chanchalor, 2021).

Os indivíduos com um alto nível de conscienciosidade têm um forte desejo de sucesso, o que os pode conduzir a uma melhoria de desempenho (Pradana & Mayasari, 2023). O traço de conscienciosidade encontra-se frequentemente associado à diligência, adesão às diretrizes e manutenção de altos padrões de desempenho (Salameh et al., 2022). Compreende facetas de lealdade e deliberação, indicando que os indivíduos com esta característica podem não estar inclinados a improvisar devido à sua natureza cautelosa e meticulosa (Arshad & Al-Idrus, 2020). A literatura, têm indicado que tanto o traço quanto a consciência do estado estão ligados a resultados positivos em vários domínios da vida e do trabalho, embora agir contra habitualmente à natureza consciente possa vir com custos cognitivos ou afetivos (Kuijpers et al., 2022).

A conscienciosidade tem sido também associada a outros fatores e comportamentos. Por exemplo, tem sido associada a uma perceção de melhoria na qualidade de vida relacionada com a saúde oral (Dvorak et al., 2020). Foi verificado que a conscienciosidade encontra-se positivamente correlacionada com os comportamentos de autocuidado nos adultos com diabetes mellitus tipo 2, destacando o seu papel na promoção de atividades relacionadas com a saúde (Catalán et al., 2022). Os comportamentos de reciclagem e redução de resíduos dos consumidores têm sido também positivamente correlacionados com a conscienciosidade, indicando a sua influência nas ações pró-ambientais (Kulti, 2022).

A literatura tem demonstrado que os traços psicopáticos encontram-se negativamente correlacionados com a conscienciosidade, enquanto os traços limítrofes encontram-se negativamente associados à extroversão e à conscienciosidade, mas positivamente relacionados com a emocionalidade (Roters & Book, 2023). Descobriu-se também que o traço de conscienciosidade está positivamente associado à gratidão, juntamente com a extroversão, a simpatia e a abertura à experiência (Alvi et al., 2022). No contexto da patologia da doença de Alzheimer, indivíduos altamente conscientes podem estar mais motivados a exercer esforço durante os testes cognitivos, afetando potencialmente as pontuações dos testes (Aschenbrenner et al., 2020).

Extroversão

A extroversão, um traço central da personalidade, é caracterizada por altos níveis de energia, sociabilidade e entusiasmo (Nash, 2023). Os indivíduos que exibem traços de extroversão são muitas vezes otimistas e gostam de interações sociais, exibindo uma preferência para se envolverem com os outros e procurar conversas estimulantes (Nash, 2023). A extroversão encontra-se associada a uma predisposição para experienciar emoções positivas e encontra-se frequentemente ligada a medidas de bem-estar (Carvalho et al., 2020; Nash, 2023).

A extroversão desempenha um papel significativo em vários aspetos do comportamento e da tomada de decisão. Por exemplo, a extroversão tem sido associada à intensidade das apostas online, com os indivíduos com altos níveis de extroversão a demonstrar uma maior propensão para comportamentos de risco (Palomäki et al., 2021). A extroversão encontra-se também associada à iniciação da liderança nos ambientes críticos de negócios, onde os indivíduos com altos níveis de extroversão são mais propensos a assumir riscos e a enfrentar novos desafios para atingir os objetivos organizacionais (Miralam et al., 2020). Um estudo de Gashi e colaboradores concluiu que a extroversão influencia as

estratégias de coping e os problemas emocionais durante a pandemia de COVID-19, destacando o seu papel na gestão do stresse e da adversidade (Gashi et al., 2022).

A relação entre a extroversão e os outros traços de personalidade tem sido também explorada na literatura. A extroversão e a conscienciosidade são fatores altamente correlacionados que impactam significativamente a iniciação à liderança e incentivam os indivíduos a correr riscos ao enfrentar novos desafios (Miralam et al., 2020). A extroversão apresenta um papel mediador no sofrimento psicológico e na solidão, com altos níveis de extroversão, associados a níveis mais baixos de sofrimento e sentimentos de isolamento (Chernova et al., 2021). Ademais, a extroversão foi identificada como um fator protetor na previsão do sofrimento psicológico da COVID-19, juntamente com a simpatia, ressaltando a sua importância na manutenção do bem-estar mental durante os tempos desafiadores (Nikčević et al., 2021).

A extroversão tem sido estudada em vários contextos, como o seu impacto no sentimento dos investidores, uso de websites, redes sociais e até mesmo em músicos. No âmbito do sentimento dos investidores, a extroversão tem sido identificada como um dos principais traços de personalidade que influenciam a forma como os investidores percebem e envolvem-se com o mercado de ações (Hidayah & Kustina, 2020). No contexto dos websites de redes sociais, a extroversão tem sido associada aos padrões de uso, benefícios e riscos associados a essas plataformas, lançando luz sobre como os traços de personalidade influenciam os comportamentos online (Ahmed et al., 2020). Um estudo de Gjermunds et al. demonstrou como a extroversão, juntamente com outros traços de personalidade, pode moldar as características e comportamentos dos indivíduos na indústria da música (Gjermunds et al., 2020).

Agradabilidade

A agradabilidade, um dos cinco grandes traços de personalidade, desempenha um

papel significativo em vários aspetos da vida dos indivíduos, influenciando o seu comportamento, relacionamentos e respostas a diferentes situações. A literatura demonstrou que a agradabilidade é caracterizada por características como ser bem-humorado, cooperativo, cuidar dos outros, caloroso, prestativo e compassivo (Gönenç et al., 2020; Owusu et al., 2021). Os indivíduos com uma elevada agradabilidade tendem a ser descritos como calorosos, amigáveis, gentis e agradáveis nas interações sociais (Dong & Tu, 2020; Schyff et al., 2022). Este traço encontra-se associado a uma preocupação geral com a harmonia social, compaixão, generosidade, nutrição e suporte emocional (Tekin & Turhan, 2021). Além disso, os indivíduos agradáveis são mais propensos a serem humanos, colaborativos, gentis, honestos, altruístas e confiáveis (Getzmann et al., 2021; Nikčević et al., 2021; Zhang et al., 2023).

Durante a pandemia de COVID-19, a agradabilidade foi identificada como um fator protetor contra a ansiedade geral e os sintomas depressivos, destacando o seu papel na promoção do bem-estar mental durante tempos desafiadores (Liu, 2024). A literatura indica também que a agradabilidade pode reduzir os conflitos sociais, promovendo interações ativas e suaves com os outros (Borg et al., 2021). A agradabilidade tem sido associada aos níveis de stresse, com os indivíduos mais agradáveis a demonstrar uma maior associação entre a sensação de falta e o aumento do stresse percebido (Hatano et al., 2022).

No local de trabalho, verificou-se que a agradabilidade impacta as relações entre a exaustão emocional e a incivilidade perpetrada, enfatizando o seu papel na formação da dinâmica interpessoal e dos resultados relacionados ao trabalho (Welbourne et al., 2020). A agradabilidade tem sido também associada à aceitação da tecnologia, com os indivíduos com alto nível de agradabilidade a serem mais propensos a abraçar a tecnologia e perceber a mesma como fácil de utilização. Isto destaca como os traços de personalidade, como a agradabilidade, podem influenciar as atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação à

adoção de tecnologia (Welbourne et al., 2020).

A agradabilidade tem sido também estudada no contexto de dilemas sociais, onde os indivíduos agradáveis são vistos como parceiros de interação desejáveis devido à sua natureza calorosa, útil e cooperativa (Stavrova et al., 2022). Esta característica tem sido também associada ao tamanho da rede social nos adultos mais velhos, sugerindo que os indivíduos agradáveis podem ter círculos sociais maiores devido ao seu comportamento amigável e gentil (Rollings et al., 2022). A agradabilidade tem sido também associada a motivações para usar as redes sociais, indicando que os indivíduos com alta agradabilidade podem envolver-se mais positivamente nas plataformas colaborativas online (Rollings et al., 2022).

A agradabilidade tem sido explorada em relação aos processos de identidade educacional, com os resultados a sugerir que os comportamentos cooperativos aumentam o compromisso com os objetivos e valores educacionais (Owusu et al., 2021). Isto destaca como a agradabilidade pode influenciar o engagement e a dedicação dos indivíduos às atividades académicas. A agradabilidade, tem sido estudada no contexto da intenção de evasão fiscal, onde esta é vista como refletindo a propensão de um indivíduo a ser honesto, gentil e altruísta. Isto sugere que a agradabilidade pode desempenhar um papel na tomada de decisões éticas e no cumprimento das normas sociais (Owusu et al., 2021).

Neuroticismo

O neuroticismo, uma dimensão fundamental da personalidade no quadro dos Cinco Grandes Traços, caracteriza-se por tendências para emoções negativas, como a ansiedade, a depressão, o mau humor e a má gestão do stresse (Dahl & Fosså, 2022; Lei et al., 2020). Os indivíduos ricos em neuroticismo muitas vezes experienciam níveis elevados de instabilidade emocional, medo, tristeza, raiva e autoconsciência em resposta a stressores (Dahl & Fosså, 2022). Este traço encontra-se associado a uma propensão para a preocupação, a culpa, a

irritabilidade e a insatisfação, refletindo uma vulnerabilidade a estados emocionais negativos (Dahl & Fosså, 2022). O neuroticismo tem sido associado ao sofrimento psíquico, a perturbações de ansiedade e a desafios relacionados com o humor, destacando o seu impacto no bem-estar mental (Grant & Chamberlain, 2021; Lei et al., 2020).

A investigação sugere que o neuroticismo demonstra estabilidade e mudanças em diferentes fases da vida, com variações significativas observadas durante a idade adulta jovem (Wrzus et al., 2021). Os estudos têm demonstrado que o neuroticismo pode influenciar a reatividade ao stresse, com os indivíduos ricos em neuroticismo a exibir uma maior sensibilidade a stressores e experienciando respostas emocionais mais pronunciadas (Wrzus et al., 2021). O neuroticismo tem sido associado a níveis mais baixos de força do ego, o que pode afetar a ocorrência de pesadelos e sofrimento psicológico geral (Kelly, 2020).

O neuroticismo tem sido estudado em vários contextos, incluindo a sua associação com os traços de personalidade como a extroversão, a conscienciosidade e a abertura à experiência (Burhan et al., 2022; Kumar & Tankha, 2023). O neuroticismo tem sido identificado como um preditor de inteligência emocional traço, com níveis mais elevados de neuroticismo ligados a pontuações mais baixas de inteligência emocional (Sambol et al., 2022). O neuroticismo tem sido explorado também em relação ao materialismo, ao comportamento compulsivo de compra online e à preparação para desastres, destacando a sua influência no comportamento do consumidor e respostas a situações desafiadoras (Burhan et al., 2022; Harada et al., 2021). O traço tem sido também examinado no contexto do desempenho académico, síndrome de burnout e satisfação com a vida entre as diferentes populações, enfatizando as suas diversas implicações em vários domínios (Ramesh et al., 2022; Uke et al., 2021).

Ademais, o neuroticismo tem sido investigado no domínio dos resultados de saúde, com os estudos que exploram as suas associações com a ligação à hidrolase de amida de

ácidos gordos, doenças neurodegenerativas e problemas funcionais nos sobreviventes de cancro (Burhan et al., 2022; Dahl & Fosså, 2022; Kolla et al., 2022). Os níveis elevados de neuroticismo têm sido associados a maiores comprometimentos funcionais e a menores scores de função geral nos indivíduos que foram submetidos à cirurgia do cancro de próstata, ressaltando o impacto desta característica na saúde física e no bem-estar (Dahl & Fosså, 2022). O neuroticismo, tem sido também examinado no contexto da longevidade, com o conceito de "neuroticismo saudável" sugerindo que a relação entre o neuroticismo e o risco da mortalidade pode ser influenciada por outros traços de personalidade, como a conscienciosidade (Turiano et al., 2020).

Estilos de *Coping*

***Coping* Racional**

O *coping* racional é um aspeto significativo de como os indivíduos lidam com os stressores e desafios nos vários contextos, como a saúde, a academia e o bem-estar pessoal. Este mecanismo de *coping* envolve a mobilização dos indivíduos para enfrentar e gerir situações difíceis de forma lógica e orientada para soluções (Sasidharan & Dhillon, 2021). Os estudos têm demonstrado que o *coping* racional está ligado a uma melhor adaptação aos stressores, à melhoria da qualidade de vida e a um melhor desempenho académico (Mahmood et al., 2021). Caracteriza-se pela resolução de problemas, reavaliação positiva, procura de apoio e pensamento racional, que contribuem para reduzir os níveis de stresse e aumentar a autoeficácia (Sasidharan & Dhillon, 2021).

No âmbito dos cuidados de saúde, o *coping* racional tem sido identificado como uma estratégia crucial para gerir o stresse e o *burnout* entre os profissionais de saúde, particularmente nos ambientes de elevado stresse, como as unidades de cuidados intensivos (Cui et al., 2020). Esta forma de *coping* envolve abordagens orientadas para soluções, reavaliação positiva e procura de apoio para enfrentar os desafios enfrentados nos ambientes

de trabalho exigentes. Da mesma forma, no contexto de doenças crónicas como a diabetes, o coping racional tem sido associado à resiliência e a melhores resultados de saúde, destacando a sua importância na gestão da doença e no bem-estar geral (Rivera-Picón et al., 2023).

As estratégias racionais de coping foram também consideradas benéficas para populações específicas, como as crianças abandonadas na China rural, onde a resolução de problemas, a procura de ajuda e a racionalização desempenham um papel fundamental no seu ajuste psicológico e utilização do suporte social (Soponaru, 2020). Estas estratégias não só ajudam os indivíduos a navegar em circunstâncias desafiantes, mas contribuem também para o seu bem-estar emocional e funcionamento social. No campo da psicologia, o coping racional tem sido associado à aceitação positiva da imagem corporal, enfatizando a importância das atividades cognitivas e comportamentais que promovam o autocuidado e a aceitação da aparência (Vasquez, 2023).

Ademais, o coping racional não se limita apenas ao bem-estar individual, mas também se estende às relações interpessoais e aos ambientes profissionais. Por exemplo, na relação médico- paciente, os estilos de coping foram encontrados como independentes da qualidade da relação e dos processos de tomada de decisão compartilhados, ressaltando o papel das estratégias racionais na gestão de stressores relacionados à saúde (Nezkusilova et al., 2020). Nas profissões de alto risco, a ativação de recreação, o coping racional e o suporte social tem sido identificado como uma estratégia potencialmente benéfica para aliviar os sintomas depressivos e melhorar os resultados de saúde mental (Swami et al., 2022).

Nos ambientes educacionais, o coping racional tem sido associado à melhoria do desempenho académico e à redução dos níveis de stresse entre os alunos, particularmente nas escolas médicas e odontológicas (Mahmood et al., 2021). Ao empregar abordagens de resolução de problemas, reavaliação positiva e procura de apoio, os alunos podem melhorar a sua autoeficácia e mecanismos de coping, conduzindo a melhores resultados nos seus

esforços académicos. No contexto da idade adulta emergente, o coping racional tem sido identificado como um fator crucial na gestão do stresse e do sofrimento psíquico, destacando o seu papel na promoção do bem-estar mental e do funcionamento adaptativo (Guarnera et al., 2023).

***Coping* Emocional**

O coping emocional é um aspeto crucial de como os indivíduos gerem o stresse e navegam situações desafiadoras, concentrando-se na regulação das suas respostas emocionais e na redução das emoções negativas associadas aos stressores (Sanchez & Cragin, 2023). Esta estratégia de coping engloba várias técnicas, como a aceitação, o suporte social emocional, o humor, a ressignificação positiva e a religião, todas com o objetivo de abordar as consequências emocionais dos stressores e promover o bem-estar emocional (Desie et al., 2021). O *coping* focado na emoção torna-se particularmente relevante nas situações em que os indivíduos visam minimizar os resultados emocionais negativos do stresse e regular as suas respostas emocionais aos stressores (Owokuhaia, 2023).

A importância de estratégias de *coping* emocional nos diversos contextos, tem sido recentemente estudado. Por exemplo, um estudo realizado entre os indivíduos com deficiência física na Etiópia demonstrou que estratégias de coping com foco na vertente emocional são frequentemente utilizadas para gerir o sofrimento psicológico (Tesfaw et al., 2022). Da mesma forma, no campo da psicologia do desporto, o coping emocional tem sido associado à melhoria do desempenho desportivo, com os indivíduos a exibirem maior inteligência emocional e demonstrando uma regulação emocional mais eficaz, coping ativo e melhor gestão das emoções durante situações stressantes (Mitić et al., 2020).

Um estudo de Awad et al. explorou a conexão entre o coping emocional e a resiliência, indicando que a utilização efetiva de estratégias de coping, incluindo a regulação emocional, é crucial para construir resiliência e mitigar os efeitos negativos das situações

stressantes (Awad et al., 2022). Ao abordar as dificuldades na regulação emocional e aumentar o uso de estratégias adaptativas de coping, os indivíduos podem melhorar a sua funcionalidade e experienciar uma melhoria clínica, particularmente em condições como a perturbação depressiva major (Altun, 2023).

O coping emocional tem sido estudado em populações específicas, como os professores das escolas primárias na Finlândia, que empregam estratégias como a religião, o *mindfulness*, o suporte social dos membros da família e a autoculpabilização em situações stressantes relacionadas ao aluno (Go et al., 2021). Compreender como os indivíduos em diferentes papéis e contextos utilizam estratégias de coping emocional enfatiza a diversidade de abordagens para gerir o stress e os desafios emocionais. Além disso, nas mulheres trabalhadoras que enfrentam conflitos de trabalho, as estratégias de coping emocional foram identificadas como eficazes na redução do nível de emoções negativas em resposta a stressores, destacando o papel do coping com foco emocional na melhoria da regulação emocional e do bem-estar (Dwiyanti & Kartikawati, 2020).

No contexto da pandemia de COVID-19, foi estudado as estratégias de coping emocional adotadas pelos indivíduos face à crise. Por exemplo, descobriu-se que os internautas chineses durante a pandemia empregaram estratégias de coping positivas, como a expressão emocional e a regulação, e as estratégias de coping com engagement negativo, como evitar ou antagonizar as ameaças percebidas, com base nos seus recursos disponíveis (Yang, 2021). Isto ressalta a natureza adaptativa do coping emocional e a importância de considerar os recursos e circunstâncias individuais para lidar com os desafios sem precedentes.

***Coping* Evitante**

O *coping* evitante é uma estratégia de coping que os indivíduos empregam para lidar com os stressores, evitando ou minimizando o confronto direto com os mesmos ou com as

emoções associadas a estes (Wu et al., 2020). Esta estratégia de *coping* envolve os comportamentos como o desabafo de emoções, o desengajamento comportamental, o desengajamento mental e o *coping* de contenção, onde os indivíduos podem reduzir esforços, distraírem-se ou conterem-se sem agir (Wu et al., 2020). O *coping* evitante é caracterizado por comportamentos como ignorar, retirar ou negar o stressor e sentimentos associados (Poyraz et al., 2021). Embora o *coping* evitante possa proporcionar alívio temporário, este pode acarretar consequências negativas a longo prazo, pois não aborda as questões subjacentes que causam o stresse (Wettstein et al., 2023).

A literatura tem explorado as implicações das estratégias de *coping* evitativas em diversos contextos. Por exemplo, no contexto de preocupação crónica e resignação passiva, os estilos de *coping* evitativos têm sido associados à redução da resiliência ao stresse ao longo do tempo, já que os stressores não resolvidos podem continuar a afetar o bem-estar dos indivíduos (Wettstein et al., 2023). Além disso, entre as sobreviventes de cancro de mama, o *coping* evitativo tem sido destacado como uma estratégia relevante na gestão do medo da recorrência do cancro, onde os indivíduos fazem esforços cognitivos e comportamentais para minimizar ou evitar lidar com o stressor (Hall et al., 2022). No entanto, embora o *coping* evitativo possa proporcionar um alívio temporário do medo, pode não abordar as preocupações subjacentes e pode afetar a qualidade de vida do indivíduo (Hall et al., 2022).

Um estudo conduzido com estudantes de medicina, concluiu que o *coping* evitante encontrou-se significativamente correlacionado com a presença de ansiedade e *burnout*, indicando assim, que os indivíduos que se envolvem em comportamentos de evitação podem experienciar níveis mais elevados de ansiedade e *burnout* (Tee et al., 2022). Da mesma forma, no contexto das perturbações alimentares, o *coping* evitante durante as refeições tem sido associado a sintomas mais elevados de perturbações alimentares, sugerindo que a evitação emocional e a distração podem reforçar a dependência de comportamentos de *coping*

de evitação e aumentar a necessidade de mecanismos de coping desadaptativos (Vanzhula et al., 2020).

O *coping* evitante tem sido estudado em relação a populações e comportamentos específicos. Por exemplo, nas mulheres grávidas com medo do parto, o *coping* evitante correlacionou-se positivamente com a intolerância à incerteza, indicando que os indivíduos com níveis mais elevados de medo e incerteza podem ser mais propensos a envolverem-se em comportamentos de evitação para mitigar as experiências negativas do parto (Ji, 2023). Além disso, no contexto de roer as unhas e fumar como mecanismos de coping do stresse, roer as unhas tem sido associado a estratégias de coping do stresse desadaptativas, incluindo o coping orientado para evitação, destacando a potencial ligação entre certos comportamentos e as estratégias de *coping* (Siegel et al., 2020).

***Coping* Distanciado/Desligado**

O *coping* distanciado/desligado, conhecido também como *coping* desprendido, é uma estratégia de *coping* onde os indivíduos criam distância emocional ou psicológica de stressores ou situações desafiadoras. Este mecanismo de *coping* envolve comportamentos como distanciar-se do stressor, desapegar emocionalmente ou minimizar o impacto emocional da situação (Kazemi et al., 2021).

No contexto dos cuidados de saúde, o *coping* à distância tem sido observado entre o staff das ambulâncias que usa o distanciamento e o desligamento como mecanismos de coping durante os esforços de reanimação para se concentrar em comportamentos estruturados e ações racionais, evitando o envolvimento emocional com familiares (Mentzelopoulos et al., 2021). Este método de coping permite que os profissionais de saúde mantenham o foco na tarefa em questão sem serem sobrecarregados por respostas emocionais, destacando o papel do desapego na gestão eficaz de situações de alta pressão (Mentzelopoulos et al., 2021).

No contexto do cuidado, o *coping* à distância tem sido identificado como uma estratégia utilizada por cuidadores de pacientes idosos com AVC que sentem-se sobrecarregados pelas demandas do cuidado e não têm recursos de coping para enfrentar cenários desafiadores diretamente (Kazemi et al., 2021). Ao desligarem-se do stressor, os cuidadores podem criar um tampão psicológico para se protegerem do sofrimento emocional e do esgotamento, enfatizando a natureza adaptativa do coping à distância na gestão da sobrecarga do cuidador (Kazemi et al., 2021).

A literatura tem explorado a relação entre o coping à distância e os resultados de saúde mental. Por exemplo, um estudo conduzido com jovens adultas negras demonstrou que um maior *coping* de distanciamento, como distanciar-se do suporte social, encontra-se associado a um maior sofrimento psicológico, destacando o potencial impacto do desapego no bem-estar mental (Jones et al., 2021).

O *coping* à distância tem sido estudado em populações específicas, como nos indivíduos de minorias sexuais, onde o coping via desapego, internalização e uso de substâncias foi encontrado para mediar a relação entre os stressores minoritários e os sintomas de perturbação de stresse pós-traumático (Zelaya, 2024).

Nos ambientes educacionais, o coping à distância tem sido identificado como uma estratégia de coping eficaz nos alunos deslocados, onde os indivíduos utilizam estratégias preventivas e proativas de coping para gerir os desafios da educação à distância (Segbenya & Anokye, 2022). Ao criar distância emocional dos stressores e adotar uma abordagem proactiva para a resolução de problemas, os alunos podem melhorar a sua resiliência e o seu funcionamento adaptativo diante dos stressores académicos (Segbenya & Anokye, 2022).

Tolerância ao assédio sexual

Definição e tipos de assédio sexual

O assédio sexual é um problema prevalente que pode ocorrer em diversos ambientes,

como os locais de trabalho, as instituições de ensino e os espaços públicos. Geralmente envolve avanços sexuais indesejados, pedidos de favores sexuais e outros comportamentos de natureza sexual que criam um ambiente hostil (Taylor et al., 2020). Este comportamento pode incluir comentários verbais, contato físico, intimidação psicológica e exibições visuais destinadas a afirmar o poder sobre a vítima (Zeighami et al., 2022).

No local de trabalho, o assédio sexual é caracterizado por comportamentos sexuais repetidos e desagradáveis, incluindo os comentários verbais, os avanços físicos, a manipulação psicológica e as exibições visuais destinadas a humilhar ou ameaçar a vítima (Zeighami et al., 2022). Este tipo de assédio pode levar a sentimentos de humilhação, medo e desconforto, afetando o bem-estar da vítima (Farah, 2022). Pode criar também um ambiente de trabalho tóxico, onde as vítimas podem sentir-se pressionadas a permanecer em silêncio, permitindo que o assédio continue sem controlo (Zeighami et al., 2022).

A literatura identifica diferentes tipos de assédio sexual, incluindo o assédio de género, a atenção sexual indesejada e a coerção sexual, todos contribuindo para um ambiente de trabalho hostil (Papantoniou, 2021). O assédio de género, que menospreza os indivíduos com base no seu género, é uma forma comum de assédio sexual relatada em inúmeras profissões (Papantoniou, 2021). Ademais, a atenção sexual indesejada e a coerção sexual são formas prevalentes de assédio que podem ter efeitos negativos duradouros sobre as vítimas (Papantoniou, 2021).

O assédio sexual não se limita a profissões específicas e pode ocorrer em diversos contextos, como os estabelecimentos de saúde e as instituições de ensino. Por exemplo, os enfermeiros, relataram sofrer ou ter sofrido assédio sexual de pacientes, colegas ou supervisores, conduzindo à angústia e à impotência (Zeighami et al., 2021). Nos ambientes educacionais, tanto alunos quanto os docentes podem ser vítimas de assédio sexual, criando um ambiente de aprendizagem hostil (He, 2023).

O impacto do assédio sexual estende-se para além dos indivíduos, contribuindo para uma cultura de silêncio, normalização da violência baseada no género e perpetuação da masculinidade tóxica nas organizações (Bondestam & Lundqvist, 2020). Podendo resultar na diminuição da produtividade, aumento do absentismo e perda de talento, afetando os indivíduos e as organizações (Zeighami et al., 2021).

Para combater eficazmente o assédio sexual, é crucial compreender as suas diferentes formas e os fatores que contribuem. Ao reconhecer os tipos de assédio sexual, as organizações podem implementar políticas para prevenir e abordar esses comportamentos (Lin & Tseng, 2022). A promoção de uma cultura de respeito e responsabilização pode criar ambientes mais seguros onde os indivíduos se sintam capacitados a denunciar assédio e a procurar suporte (Salvador, 2022).

Contexto histórico

O contexto histórico do assédio sexual é multifacetado e evoluiu ao longo do tempo, refletindo mudanças nas normas sociais, nos quadros jurídicos e nas atitudes culturais em relação às relações de género. O próprio termo "assédio sexual" foi cunhado nos meados do século XX por Catherine MacKinnon, jurista dos Estados Unidos da América (Wajahat et al., 2022). Ganhou proeminência nas décadas de 1970 e 1980, à medida que a consciência desta questão generalizada crescia (Wajahat et al., 2022). Inicialmente, o assédio sexual era predominantemente visto como uma questão feminina, destacando as dinâmicas de poder e as desigualdades de género presentes em vários cenários, incluindo os locais de trabalho, as instituições de ensino e os espaços públicos (Kumar ou Sharma, 2022).

Historicamente, as mulheres têm enfrentado várias formas de assédio sexual no local de trabalho, desde avanços indesejáveis até comentários e gestos explícitos destinados a afirmar domínio e controlo (Aji, 2024). A prevalência do assédio sexual nos ambientes profissionais, como empresas de serviços, tem sido uma preocupação de longa data, com

formas tradicionais de assédio englobando comentários sexistas e sexuais, atenção indesejada e coerção (Hardies, 2023). Esta perspetiva histórica sublinha a natureza sistémica do assédio sexual, enraizada nos desequilíbrios de poder e na discriminação de género (Wang, 2022).

A trajetória histórica da legislação e das políticas de assédio sexual tem sido marcada por avanços no reconhecimento e abordagem dessa questão com diferentes países a desenvolverem leis contra o assédio sexual em momentos diferentes, refletindo mudanças nas atitudes sociais e nos quadros jurídicos (Wang, 2022). Por exemplo, o Fórum para a Eliminação da Opressão das Mulheres liderou uma iniciativa para proibir o assédio sexual no local de trabalho na década de 1980 (Kumar & Sharma, 2022).

O movimento *#MeToo*, que ganhou força no início do século XXI, trouxe uma atenção renovada para a prevalência do assédio e do abuso sexual, particularmente no local de trabalho (Walters, 2022). Embora o movimento se concentre principalmente nos sobreviventes adultos, lançou também uma luz sobre o impacto do assédio nos jovens, incluindo os adolescentes, destacando a necessidade de estratégias abrangentes de prevenção e intervenção (Walters, 2022). O impacto do movimento estendeu-se além de casos individuais, desencadeando conversas mais amplas sobre a responsabilização, o empoderamento e a mudança cultural (Walters, 2022).

No contexto da academia superior, o assédio sexual tem sido um problema persistente, afetando a relação professor-aluno e criando dinâmicas de poder que podem levar ao abuso e à exploração (Mishra & Bhutia, 2023). A evolução histórica da abordagem do assédio sexual em ambientes educacionais reflete um reconhecimento crescente da necessidade de proteger os alunos e os professores do assédio e da discriminação (Mishra & Bhutia, 2023). Esta perspetiva histórica sublinha a importância de criar ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos, livres de assédio e intimidação (Mishra & Bhutia, 2023).

Fatores culturais e sociais

Os fatores culturais e sociais desempenham um papel significativo na definição da prevalência, percepção e resposta ao assédio sexual. A literatura tem destacado como os fatores contextuais e socioculturais influenciam as conceituações individuais de assédio sexual, com variações observadas nos diferentes contextos culturais (Hardt et al., 2022). Nos países de baixo e médio rendimento, por exemplo, a compreensão do assédio sexual encontra-se profundamente entrelaçada com as normas culturais, dinâmicas de poder e expectativas sociais, impactando como os indivíduos percebem e navegam por tais experiências (Hardt et al., 2022).

O papel do consentimento, do poder masculino e das normas sociais tem sido enfatizado na compreensão das conceituações masculinas e femininas de assédio sexual na Tanzânia (Wamoyi et al., 2021). As crenças culturais e as expectativas sociais em relação aos papéis de género podem contribuir para a perpetuação do assédio, com os diferenciais de poder a desempenharem frequentemente um papel central na formação de interações e comportamentos em vários contextos (Wamoyi et al., 2021). Além disso, a teoria do spillover do papel sexual sugere que as normas culturais relacionadas ao género transbordam para o local de trabalho, influenciando a ocorrência de assédio sexual (Wamoyi et al., 2021).

Nos contextos de cuidados de saúde e de assistência social, têm sido relatadas formas verbais e físicas de assédio sexual, afetando o bem-estar dos trabalhadores, independentemente do género (Adler et al., 2021). A prevalência e a frequência do assédio nestes setores sublinham a necessidade de abordar normas culturais e dinâmicas de poder que permitam que tais comportamentos persistam (Adler et al., 2021). Os contextos sociais e económicos, juntamente com as normas culturais, podem afetar a forma como o assédio sexual é percebido e vivido pelos indivíduos, destacando a necessidade de intervenções adaptadas e mecanismos de suporte (Zeighami et al., 2022).

A normalização do assédio sexual em determinadas profissões, como as que

envolvem o contacto interpessoal, pode criar uma cultura de elevada tolerância e negação, contribuindo para a perpetuação do assédio e do seu impacto prejudicial na saúde mental (Vincent-Höper et al., 2020). As normas sociais que ditam quais os comportamentos que são considerados aceitáveis ou inadequados no local de trabalho podem moldar as perceções dos indivíduos sobre assédio e influenciar os comportamentos de denúncia (Nazneen & Huq, 2023). Abordar estas normas e promover uma cultura de zero tolerância ao assédio são passos essenciais na criação de ambientes de trabalho mais seguros (Nazneen & Huq, 2023).

Nas instituições de ensino, as normas sociais e de género podem informar as atitudes dos alunos em relação ao assédio sexual e impactar os comportamentos de denúncia (Maulida et al., 2023). A intersecção entre a religiosidade e as crenças culturais pode influenciar também a forma como o assédio sexual é percebido e abordado nos ambientes educacionais (Maulida et al., 2023). Compreender o papel das normas sociais e das perspetivas religiosas é crucial para desenvolver estratégias de prevenção eficazes e promover uma cultura de respeito e responsabilização (Maulida et al., 2023).

O uso das redes sociais tem sido também associado à propensão do assédio sexual entre as jovens do sexo feminino, destacando a influência das plataformas online nas interações e comportamentos interpessoais (Mohamad, 2022). As redes sociais podem servir como um meio para perpetuar atitudes e comportamentos nocivos relacionados com o assédio, sublinhando a necessidade de literacia digital e das medidas de segurança online (Mohamad, 2022). As perceções culturais do assédio sexual nos relacionamentos informais podem diferir de ambientes formais, enfatizando a importância de abordar o assédio nos vários contextos (Drażkowski & Ganclerz, 2022).

Fatores psicológicos

Os fatores psicológicos são cruciais para compreender o impacto do assédio sexual na saúde mental e no bem-estar dos indivíduos. A literatura salienta que as experiências de

assédio sexual podem levar ao aumento dos níveis de ansiedade, depressão e distúrbios do sono (Yi, 2023). Os efeitos psicológicos do assédio podem resultar também em retrocessos profissionais, como o impedimento de progressão na carreira e a demissão voluntária (Yi, 2023).

O assédio sexual no local de trabalho pode ter efeitos prejudiciais nos resultados de saúde mental entre os profissionais de saúde, estando uma pior saúde mental, satisfação no trabalho e sensação de segurança no trabalho associadas a experiências de assédio (Vargas et al., 2020). O impacto moral do assédio pode contribuir para o aumento das intenções de rotatividade e criar um ambiente de trabalho hostil que prejudica o bem-estar dos indivíduos (Vargas et al., 2020).

O sofrimento psíquico tem sido identificado como um mediador significativo na relação entre o assédio sexual e os resultados adversos, como os problemas de imagem corporal e as preocupações relacionadas com o peso entre os adolescentes (Hayes et al., 2022). A relação longitudinal entre as experiências de assédio e os resultados negativos para a imagem corporal ressalta a importância de considerar o sofrimento psíquico como um fator-chave na compreensão de como o assédio afeta o bem-estar dos indivíduos (Hayes et al., 2022).

A investigação de Murchison et al. explorou as consequências psicológicas do assédio sexual nos contextos educativos, revelando uma associação entre a vitimização por assédio e o sofrimento psicológico entre os estudantes (Murchison et al., 2022). Verificou-se que o sofrimento psíquico encontra-se positivamente associado a experiências de assédio, particularmente entre as raparigas, destacando a natureza de género destes impactos psicológicos (Murchison et al., 2022).

A interação entre os fatores psicológicos e as dinâmicas organizacionais no contexto do assédio sexual no local de trabalho tem sido examinada, demonstrando o papel do

sofrimento psíquico na mediação da relação entre as experiências de assédio e os resultados de saúde mental (Jung & Yoon, 2020). As medidas organizacionais destinadas a enfrentar o assédio podem ajudar a aliviar o sofrimento mental entre os funcionários, enfatizando a importância da criação de ambientes de trabalho favoráveis (Jung & Yoon, 2020). Ao considerar as implicações psicológicas do assédio, as organizações podem implementar estratégias para promover o bem-estar psicológico e prevenir resultados adversos para a saúde mental (Jung & Yoon, 2020).

Impacto do assédio sexual

O impacto do assédio sexual é profundo e multifacetado, afetando o bem-estar mental, emocional e físico dos indivíduos. O assédio sexual pode apresentar adversos efeitos nas vítimas, resultando em níveis aumentados de ansiedade, depressão e distúrbios do sono (Goh et al., 2022). O custo psicológico do assédio pode resultar em retrocessos profissionais, impedindo a progressão na carreira e levando os indivíduos a considerar a demissão voluntária (Goh et al., 2022).

Nos ambientes de ensino superior, a normalização da violência baseada no género, as masculinidades académicas tóxicas e uma cultura de silêncio contribuem para a perpetuação do assédio sexual, culminando em efeitos psicológicos adversos sobre as vítimas (Bondestam & Lundqvist, 2020). As consequências psicológicas do assédio nos ambientes académicos podem manifestar-se na diminuição da satisfação no trabalho, sentimentos de alienação e esgotamento entre as vítimas (Bondestam & Lundqvist, 2020).

O impacto do assédio sexual na saúde mental é particularmente pronunciado nos contextos de cuidados de saúde, onde as experiências de assédio têm sido associadas a uma pior saúde mental, satisfação no trabalho e sensação de segurança no trabalho entre os médicos e docentes (Vargas et al., 2020). O sofrimento psíquico resultante do assédio pode contribuir para o aumento das intenções de rotatividade e criar um ambiente de trabalho hostil

que compromete o bem-estar dos profissionais de saúde (Vargas et al., 2020).

O trauma sexual militar (MST) e o assédio sexual no local de trabalho têm sido associados à perturbação de stresse pós-traumático (PSPT) de longo prazo, à depressão e ao suicídio entre os militares e veteranos (Galovski et al., 2023). O ambiente único do serviço militar pode exacerbar o impacto do assédio sexual, resultando num sofrimento psicológico significativo e resultados adversos para a saúde mental (Galovski et al., 2023).

O impacto psicológico do assédio sexual vai além do incidente imediato e pode ter efeitos duradouros no bem-estar mental, emocional e físico das vítimas (Aji, 2024). As vítimas de assédio podem experienciar sentimentos de constrangimento, vergonha, depressão, diminuição da autoestima e relacionamentos interrompidos com colegas de trabalho (Aji, 2024). Os efeitos psicológicos negativos do assédio podem resultar também num aumento do absentismo, à diminuição do moral e à perda de emprego, destacando o impacto generalizado e prejudicial do assédio no bem-estar geral dos indivíduos (Aji, 2024).

Perceções e atitudes em relação ao assédio sexual

As perceções e atitudes em relação ao assédio sexual são cruciais para moldar a forma como os indivíduos reconhecem, respondem e previnem casos de assédio. A investigação demonstrou que as perceções do assédio sexual podem ser influenciadas por vários fatores, incluindo normas culturais, papéis de género e experiências individuais. Compreender essas perceções é essencial para desenvolver intervenções eficazes e criar ambientes que promovam respeito e segurança para todos os indivíduos (Goh et al., 2022; Kessler et al., 2021).

A literatura tem explorado como os indivíduos percebem e entendem o assédio sexual, destacando a complexidade e ambiguidade em torno da identificação dos comportamentos de assédio (Goh et al., 2022). As perceções do assédio sexual podem variar amplamente entre diferentes populações, com fatores como as normas sociais, as dinâmicas

de poder e as experiências pessoais a moldar como os indivíduos interpretam e respondem a casos de assédio (Goh et al., 2022).

As atitudes em relação ao assédio sexual podem ter um impacto significativo na forma como os indivíduos respondem e intervêm em casos de assédio. O estudo de Kessler et al. examinou como os valores, as crenças e as experiências influenciam as atitudes em relação ao comportamento sociosexual como o assédio, lançando luz sobre o papel da ideologia na formação de percepções de assédio (Kessler et al., 2021). As atitudes em relação à igualdade de género, sexismo e masculinidade podem influenciar a tolerância dos indivíduos ao assédio e a sua vontade de desafiar comportamentos prejudiciais (Kessler et al., 2021).

A intersecção das normas de género, crenças culturais e expectativas sociais pode influenciar as atitudes em relação ao assédio sexual entre diferentes populações. O estudo de Kaiser e colaboradores explorou como os protótipos de género moldam as percepções e as respostas ao assédio, destacando o papel das normas sociais na formação da compreensão dos indivíduos sobre comportamentos de assédio (Kaiser et al., 2022). Os estereótipos e as expectativas de género podem afetar a forma como os indivíduos percecionam e reagem a casos de assédio, sublinhando a importância de desafiar as normas de género prejudiciais para prevenir e abordar o assédio de forma eficaz (Kaiser et al., 2022).

As atitudes em relação ao assédio sexual podem também ser influenciadas por fatores como a religiosidade, a identidade feminista e a conformidade com as normas masculinas. A adesão a atitudes e crenças sexistas pode contribuir para a aceitação de mitos de assédio e perpetuação dos comportamentos prejudiciais (Shi & Zheng, 2020). Examinar como estes fatores interagem com as atitudes em relação ao assédio é essencial para desenvolver intervenções direcionadas que abordem as causas profundas do assédio e promovam a igualdade e o respeito de género (Shi & Zheng, 2020).

Nos contextos educativos, as atitudes face ao assédio sexual entre os alunos e os

funcionários podem ter um impacto na sensibilização para as estratégias de prevenção e comportamentos de coping. O estudo de Trendinnick examinou como as percepções da resposta institucional ao coping do assédio e o clima do campus influenciam a consciência dos indivíduos sobre as políticas e os recursos (Tredinnick, 2020). Criar um ambiente favorável e inclusivo que priorize a prevenção e o apoio às vítimas requer abordar as atitudes em relação ao assédio e promover uma cultura de responsabilidade e respeito (Tredinnick, 2020).

Prevenção e intervenção

As intervenções e as estratégias de prevenção são cruciais para abordar e mitigar o impacto do assédio sexual nos diversos contextos. A investigação de He, explorou as diferentes abordagens de intervenção, desde atividades de educação informal a campanhas publicitárias multiformato destinadas a mudar as percepções e as atitudes em relação ao assédio (He, 2023). Ao conceber escalas para medir a percepção e a atitude do assédio sexual, as intervenções podem ser adaptadas para visar áreas específicas de preocupação e promover uma cultura de respeito e responsabilização (He, 2023).

Nos países de baixo e médio rendimento têm sido realizadas revisões sistemáticas qualitativas para entender melhor os fatores causais, as consequências, as estratégias de coping e as recomendações para a prevenção e intervenções relacionadas ao assédio sexual (Hardt et al., 2022). Ao investigar como os participantes percebem o assédio e ao identificar mecanismos de prevenção eficazes, as intervenções podem ser desenvolvidas para abordar as causas profundas do assédio e promover ambientes mais seguros para todos os indivíduos (Hardt et al., 2022).

A avaliação das intervenções de assédio sexual é essencial para avaliar o seu impacto e eficácia na prevenção de incidentes futuros. A literatura recente, tem enfatizado a importância de avaliar continuamente os programas de prevenção para garantir sua eficácia e

relevância na abordagem da natureza evolutiva do assédio (Perry, 2023). Ao avaliar o impacto das intervenções, as organizações podem identificar áreas de melhoria e implementar estratégias baseadas em evidências para criar ambientes livres de assédio (Perry, 2023).

Nos ambientes de saúde, as medidas preventivas foram implementadas para proteger os trabalhadores e adotar uma abordagem baseada em sistemas para prevenir o assédio (Yi, 2023). Ao criar culturas de apoio no local de trabalho e implementar medidas organizacionais para lidar com o assédio, as instituições de saúde podem promover o bem-estar mental e a segurança dos funcionários (Yi, 2023).

Na medicina académica, os estudos qualitativos têm explorado as estratégias de prevenção ao assédio sexual, enfatizando a importância de abordar a dimensão pessoal do assédio (Jenner et al., 2020). Ao implementar intervenções direcionadas que concentrem-se na mudança de atitudes e comportamentos a nível individual, as instituições académicas podem criar ambientes que promovam a igualdade e o respeito de género (Jenner et al., 2020).

No ambiente de trabalho, as estratégias de prevenção ao assédio sexual entre os funcionários têm sido identificadas por meio de estudos qualitativos, destacando a importância do desenvolvimento de políticas e diretrizes para gerir e prevenir o assédio (Sultan, 2023). Ao promover uma cultura de zero tolerância ao assédio e facultar treino sobre o reconhecimento e a abordagem de comportamentos inadequados, as organizações podem criar ambientes de trabalho mais seguros que priorizam o bem-estar de todos os funcionários (Sultan, 2023). As medidas preventivas que abordem os fatores sistémicos que contribuem para o assédio são essenciais para criar uma mudança duradoura nas culturas organizacionais (Sultan, 2023).

Articulação Teórica entre os Constructos

A articulação teórica entre os traços de personalidade, os estilos de coping e a

tolerância ao assédio sexual pode ser compreendida como uma interação entre disposições psicológicas individuais e respostas comportamentais, que moldam a forma como uma pessoa experiencia e reage ao assédio. Estes fatores influenciam não só a percepção subjetiva do assédio, mas também a probabilidade de o denunciar, confrontar ou tolerar (Brewer et al., 2019; Mou et al., 2021).

Os traços de personalidade demonstraram prever significativamente os comportamentos de coping perante o assédio sexual. Em particular, o neuroticismo, um traço associado à instabilidade emocional, que se encontra consistentemente ligado a uma maior vulnerabilidade e a uma tendência para estilos de coping evitantes ou de desengajamento (Akbar et al., 2017). Os indivíduos com elevado neuroticismo tendem a experienciar um stress mais elevado perante o assédio e têm menos probabilidade de agir de forma assertiva. Por outro lado, os traços como a conscienciosidade e a abertura à experiência encontram-se associados a comportamentos de coping mais focados na resolução de problemas, sugerindo uma maior resiliência e uma menor tolerância ao assédio (Akbar et al., 2017).

Os estilos de coping atuam como mediadores nesta dinâmica. O coping de engajamento, estratégias proativas como procurar apoio ou confrontar o agressor, é o mais comum em pessoas com elevada abertura e amabilidade. Estes indivíduos apresentam também uma maior probabilidade de relatar os incidentes, tanto de forma informal como formal. Em contraste, o coping de desengajamento, como a negação ou o afastamento emocional, encontra-se associado a pessoas com um elevado neuroticismo e uma baixa abertura à experiência, o que se relaciona com uma maior tolerância ou minimização das experiências de assédio (Jenkins & Eftaxas, 2023).

Além disso, a presença de traços de personalidade socialmente mal-adaptativos, como os da Tríade Negra, como o narcisismo, maquiavelismo e psicopatia, está associada a uma menor empatia e maior tendência para justificar ou tolerar comportamentos de assédio. Por

exemplo, indivíduos com níveis elevados de psicopatia primária são mais propensos a culpar as vítimas e menos propensos a responsabilizar os agressores, o que demonstra como certos traços podem distorcer a percepção e normalizar a agressão (Brewer et al., 2019).

As variáveis culturais e atitudinais, muitas vezes moldadas por estruturas de personalidade mais profundas, desempenham também um papel importante. As crenças ligadas ao sexismo hostil ou a papéis tradicionais de género, frequentemente associados a baixa abertura ou traços autoritários, são preditores significativos de uma maior tolerância ao assédio sexual. Num estudo realizado em universidades chinesas, estas atitudes explicaram mais de 30% da variância nos níveis de tolerância entre estudantes do sexo feminino (Mou et al., 2021).

Adicionalmente, os contextos organizacionais interagem com os traços de personalidade para influenciar tanto as experiências como as respostas ao assédio. A amabilidade, por exemplo, foi encontrada como um fator preditivo de vulnerabilidade a certas formas de atenção sexual indesejada, enquanto atitudes e traços de personalidade influenciam se os indivíduos relatam ou toleram os incidentes. Nestes casos, os traços de personalidade modulam o limiar de percepção e resposta ao assédio, revelando como disposições internas se alinham com condições externas para afetar a tolerância (Liao et al., 2023).

Assim sendo, os traços de personalidade constituem uma base essencial que influencia tanto os estilos de coping como a tolerância ao assédio sexual. Os traços como o neuroticismo e a psicopatia aumentam respostas passivas ou de minimização e elevam a tolerância, enquanto a abertura e a amabilidade promovem respostas proativas e reduzem a aceitação do comportamento assediante. Os estilos de coping funcionam como mecanismos comportamentais através dos quais a personalidade se manifesta nos contextos de assédio, mediando a denúncia, o confronto ou a resistência.

Objetivos

Os principais objetivos do projeto são validar o Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual no contexto cultural português e investigar a influência dos traços de personalidade nos mecanismos de coping dos indivíduos e a influência destes na tolerância ao assédio sexual.

Os objetivos específicos são os seguintes: a) Validar o Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual no contexto português, através da análise das suas propriedades psicométricas, incluindo a avaliação da consistência interna, da estrutura fatorial (exploratória e confirmatória), e da validade convergente e discriminante; b) Investigar de que forma os traços de personalidade influenciam os estilos de coping adotados pelos indivíduos; c) Analisar o impacto dos estilos de coping na tolerância ao assédio sexual, explorando o papel mediador destes mecanismos na relação entre personalidade e tolerância ao assédio sexual.

Método

Participantes

Para o presente estudo, a amostra foi constituída por estudantes universitários matriculados nas instituições de ensino superior em Portugal. A seleção dos participantes foi realizada com base em conveniência, visando incluir uma variedade de estudantes de diferentes cursos e instituições. Para calcular a amostra do presente estudo, foram realizadas análises de potência utilizando o software G-Power (Kang, 2021). Para detetar de forma fiável um tamanho de efeito de $|\delta| \geq 0,5$ com poder de 95% e nível de significância de .001, serão necessários cerca de 390 participantes. Os resultados da análise de sensibilidade confirmam que esta dimensão da amostra irá quase certamente detetar tamanhos de efeito de $|\delta| \geq 0,499$ e provavelmente perderá tamanhos de efeito abaixo de $|\delta| = 0,333$ (ver figuras 1 e 2). Os critérios de inclusão para a amostra são os seguintes: os participantes devem ser estudantes atualmente matriculados em instituições de ensino superior em Portugal, ter nacionalidade portuguesa e ter pelo menos 18 anos de idade. Todos os participantes devem

facultar o consentimento informado indicando a sua concordância voluntária em participar no estudo. Além disso, a amostra procurará incluir alunos de uma ampla gama de cursos para garantir a variabilidade nos tipos de personalidade e estilos de coping. Os critérios de exclusão incluem indivíduos que tenham alguma deficiência cognitiva ou física que impeça a plena participação no estudo, garantindo que todos os participantes possam responder de forma adequada e independente aos instrumentos do estudo. Os estudantes que se encontrem em mobilidade académica internacional no momento do estudo serão excluídos, tal como os participantes que não apresentam nacionalidade portuguesa, uma vez que as suas experiências podem não refletir a realidade específica do ensino superior português. Além disso, os participantes que não preencheram totalmente os questionários ou que facultaram respostas inconsistentes ou aleatórias foram também excluídos para garantir a qualidade e integridade dos dados recolhidos. A amostra do estudo geral foi composta por 390 participantes. A idade variou entre os 18 e os 59 anos, com uma média de 24,32 anos ($DP = 7,61$, IC 95% [23,25; 25,39]). A maioria dos participantes era do sexo feminino ($n = 285$, 73,1%), sendo os restantes do sexo masculino ($n = 105$, 26,9%). Relativamente ao estado civil, a maioria encontrava-se solteira ($n = 346$, 88,7%), seguindo-se os participantes casados ($n = 29$, 7,4%) e divorciados ($n = 15$, 3,8%). No que diz respeito à parentalidade, a maioria dos participantes não tinha filhos ($n = 359$, 92,1%). No que concerne à composição do agregado familiar, 31,3% dos participantes reportaram viver num agregado de três pessoas, 31,0% com quatro pessoas, 16,9% com duas, 15,1% com cinco ou mais pessoas, e 5,6% viviam sozinhos. Relativamente ao grau académico, a maioria frequentava a licenciatura ($n = 251$, 64,4%), seguida do mestrado ($n = 134$, 34,4%) e doutoramento ($n = 5$, 1,3%). Quanto à situação ocupacional, 63,1% identificaram-se como estudantes e 36,9% como trabalhadores-estudantes. No que respeita à área de formação, predominavam os participantes das ciências sociais e humanas (75,9%), seguidos das ciências da saúde (8,2%), ciências exatas e

tecnologia (6,7%), ciências económicas (5,1%), artes e letras (2,8%) e ciências agrárias e do ambiente (1,3%). A maioria reportou não ter diagnóstico prévio de doença mental ($n = 306$, 78,5%) ou física ($n = 322$, 82,6%). No que diz respeito ao acompanhamento psicológico, 232 participantes (59,5%) referiram já ter recorrido a acompanhamento, enquanto 158 (40,5%) nunca o fizeram. Entre os que já recorreram, 107 (46,1%) estiveram em acompanhamento por menos de um ano, 40 (17,2%) entre um e dois anos, e 85 (36,6%) por mais de dois anos. Relativamente à prática de exercício físico, 123 participantes (31,5%) referiram não praticar, 118 (30,3%) praticavam entre uma a duas vezes por semana, 98 (25,1%) entre três a quatro vezes por semana, e 51 (13,1%) praticavam diariamente. No que concerne à utilização de redes sociais, 210 participantes (53,8%) referiram utilizar várias vezes ao dia, 163 (41,8%) diariamente, 11 (2,8%) raramente e 6 (1,5%) nunca utilizavam.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico é composto por 20 perguntas estruturadas, cada uma direcionada a aspetos específicos da história dos participantes, incluindo a idade, o sexo, a nacionalidade, a residência, o estado civil, a educação, a ocupação, a saúde e os hábitos de vida. O questionário encontra-se estruturado da seguinte forma: Os itens iniciais recolhem dados demográficos básicos, incluindo a idade dos participantes em anos e o sexo, categorizado como masculino ou feminino. Estas perguntas irão englobar também a nacionalidade do participante (portuguesa ou outra) e o distrito de residência, com opções que abrangem todos os principais distritos de Portugal. Esta secção visa também identificar o estado civil do requerido (solteiro, casado, divorciado ou viúvo) e se o mesmo possui filhos, incluindo uma pergunta de acompanhamento sobre o número de filhos. O questionário inclui um item sobre o número de pessoas com quem o participante coabita, oferecendo opções de uma a cinco ou mais. Esta parte reúne informações sobre o mais alto nível de escolaridade

alcançado pelo participante (Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento) e a sua área de estudo para os alunos, categorizada em disciplinas amplas como Ciências Sociais, Ciências Exatas, Ciências da Saúde, Ciências Económicas e Administrativas, Artes e Letras e Ciências Agrárias e Ambientais. O instrumento inclui perguntas sobre quaisquer doenças mentais ou físicas diagnosticadas, com consultas de acompanhamento para especificar a natureza da doença, se aplicável. Esta secção explora a experiência do participante com o acompanhamento psicológico, incluindo a duração das sessões de terapia e os seus hábitos de exercício físico, variando de nunca a diário. Os itens finais avaliam a frequência da utilização das redes sociais pelo participante, de nunca a várias vezes ao dia (ver apêndice A).

Big Five Inventory (B.F.I.)

O Big Five Inventory foi desenvolvido por John, Donahue e Kentle em 1991 com o objetivo de criar um breve inventário que permitisse uma avaliação eficiente e flexível das cinco dimensões da personalidade. A versão portuguesa do questionário foi validada por Simões no ano de 2016. O inventário é um instrumento de autorresposta composto por 44 itens baseados nos traços de personalidade que pertencem a cada uma das cinco dimensões. É um instrumento conciso e rápido de implementar que leva aproximadamente cinco minutos para ser concluído. Para cada dimensão, há de 8 a 10 itens, incluindo Extroversão (8 itens), Agradabilidade (9 itens), Conscienciosidade (9 itens), Neuroticismo (8 itens) e Abertura à Experiência (10 itens). Pede-se aos participantes que reflitam sobre como são caracterizados em geral e respondam usando uma escala tipo Likert de 1 a 5, com 1 correspondendo a "discordo completamente" e 5 correspondendo a "concordo completamente". O valor de cada fator é calculado através da soma total de todos os itens após a inversão dos itens invertidos. O B.F.I. contém dezasseis itens listados em ordem inversa, a saber, 2, 6, 8, 9, 12, 18, 21, 23, 24, 27, 31, 34, 35, 37, 41 e 43. A codificação original era 1, 2, 3, 4, 5, e a recodificação era 5, 4, 3, 2, 1. Para a dimensão Extroversão, o coeficiente alfa de Cronbach é de 0,72, que é a

média do conjunto de itens desta escala, com valor de 26,36 e desvio padrão de 4,14. A dimensão de Agradabilidade tem um coeficiente alfa de 0,61, com média de 34,37 e desvio padrão de 3,95. A dimensão Conscienciosidade tem um coeficiente alfa de 0,73, com média de 32,49 e desvio padrão de 4,46. A dimensão do Neuroticismo tem um coeficiente alfa de 0,76, com média de 23,61 e desvio padrão de 4,77. Finalmente, a dimensão Abertura à Experiência tem um coeficiente alfa de 0,79, com uma média de 35,38 e um desvio padrão de 5,17 (ver Apêndice B).

Coping Styles Questionnaire

O Coping Styles Questionnaire foi desenvolvido por Roger, Jarvis e Najarian no ano de 1993. Este instrumento fornece uma medida de coping comumente utilizada pelos indivíduos quando confrontados com uma situação percebida como excedendo os seus recursos para lidar. Na sua versão mais recente, o questionário é composto por 41 itens, para cada um dos quais o participante é solicitado a descrever a maneira como "normalmente reage" quando está em stresse ou chateado, utilizando uma escala Likert que varia de 0 ("nunca") a 3 ("sempre"). O cálculo dos fatores resulta da soma dos respetivos itens, sendo que um resultado mais elevado indica uma maior utilização de um determinado estilo de coping. A consistência interna do CSQ foi examinada através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach. Os resultados indicam uma consistência interna razoável para a escala total ($\alpha = .75$), o que é compreensível por se tratar de uma escala multidimensional. Foram obtidos coeficientes de consistência satisfatórios para as quatro dimensões: .69 (coping distanciado), .70 (coping evitante), .76 (coping emocional) e .77 (coping racional). Os autores da versão original do CSQ (composta por 60 itens) encontraram valores semelhantes, com coeficientes alfa de Cronbach de .69 (coping evitante), .74 (coping emocional), .90 (coping distanciado) e .85 (coping racional) (Roger et al., 1993). Na versão portuguesa (Dinis, Gouveia & Duarte, 2011), todos os itens da escala apresentam correlações item-total iguais ou superiores a .32, o

que sugere a qualidade e adequação dos itens para cada subescala. Os coeficientes indicam que todos os itens individuais estão associados à totalidade de cada subescala, com valores que variam de .32 a .59 (coping racional), .34 a .59 (coping emocional), .36 a .56 (coping distanciado) e .35 a .49 (coping evitante) (ver Apêndice C).

Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual

O presente estudo pretende avaliar a validade do Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) para a população portuguesa. Desenvolvido nos Estados Unidos da América por Lipschultz e Hilt (1994), o TSHI é composto por 10 itens que avaliam atitudes permissivas face ao assédio sexual, com afirmações como: “A maioria das mulheres que são sexualmente insultadas por um homem provocam o seu comportamento pela forma como falam, agem ou se vestem”; “Uma mulher atraente tem que esperar avanços sexuais e deve aprender a lidar com eles”; e “A maioria dos homens é sexualmente provocada por muitas das mulheres com quem interagem no trabalho”. Os participantes respondem numa escala de Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), sendo que pontuações mais elevadas indicam maior tolerância ao assédio sexual. Na sua versão original, o TSHI revelou uma estrutura fatorial unidimensional, refletindo um único fator latente de tolerância ao assédio sexual, com indicadores psicométricos satisfatórios ($\alpha = .83$) (Lipschultz & Hilt, 1994). A escolha deste instrumento para validação justifica-se pela sua concisão, foco claro no constructo de interesse e utilização recorrente em investigações internacionais, apesar da ausência de validação transcultural para o contexto português. Assim, para assegurar a sua adequação linguística e cultural, o presente estudo procedeu à tradução e retroversão da escala com recurso a dois tradutores bilingues independentes (um nativo da língua portuguesa fluente em inglês e um nativo da língua inglesa fluente em português), seguida de um acordo entre juízes. Esta adaptação teve como objetivo garantir a preservação do significado original dos itens e a sua pertinência sociocultural no contexto

português, permitindo uma avaliação válida e sensível das atitudes face ao assédio sexual na população alvo.

Procedimento

Recolha de dados

Numa primeira fase do projeto foi submetido um protocolo do estudo à Comissão de Ética da Universidade Lusíada de Lisboa para revisão e aprovação, tendo o mesmo garantido o cumprimento das normas éticas e a proteção dos direitos e bem-estar dos participantes. Após a aprovação pela Comissão de Ética, foi realizada uma tradução e retroversão com consenso entre juízes, onde foi requisitado a um cidadão natural português que domine a língua inglesa e a um cidadão natural americano que domine a língua portuguesa para realizar uma tradução dos itens do questionário Tolerance To Sexual Harassment Inventory. Após a validação do conteúdo onde foi realizado um acordo interjuízes, obteve-se um consenso face à versão final traduzida final da escala. De seguida, foi realizado um estudo piloto, onde foram recrutados 50 participantes do ensino superior português. Após a recolha, foi realizada uma análise de consistência interna, tal como uma análise fatorial exploratória para avaliar a adequação dos itens do questionário e verificar a necessidade de alguma alteração relativamente à escala. Finalizada a avaliação da validade de critério, os instrumentos foram finalmente aplicados a uma escala ampliada, estipulada através de análises de poder (Kang, 2021). A estratégia do recrutamento incluiu diversos métodos, incluindo anúncios online, redes sociais e flyers. Antes de participar no estudo, cada participante teve de facultar o seu consentimento informado e ler as diretrizes explícitas sobre o objetivo do estudo, procedimentos, riscos e benefícios, garantindo assim que todos os participantes compreenderam os seus direitos, incluindo o de se retirar a qualquer momento sem penalização.

Análise de dados

Ambas as abordagens estatísticas frequentista e bayesiana foram empregues para alcançar uma compreensão completa dos dados, combinando a inferência tradicional baseada em testes de significância com a quantificação da evidência estatística proporcionada pelo fator de Bayes. Esta abordagem dual é amplamente recomendada na literatura contemporânea, por favorecer interpretações mais informadas e transparentes dos resultados (Pek & Zandt, 2019). Inicialmente, foram analisadas estatísticas descritivas incluindo frequências, médias e desvios-padrão. No domínio da validação e aferição da escala do Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual para a população portuguesa, foram realizadas análises de consistência interna, as análises fatoriais confirmatória e exploratória e as análises de correlação inter-item. Para investigar as relações entre os dados, foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson, assumindo uma distribuição normal, com uma abordagem frequentista e bayesiana. Isto sendo acompanhado por um modelo de equações estruturais (SEM) que foi empregue para explorar a influência da personalidade nos estilos de coping e o impacto subsequente dos estilos de coping na tolerância ao assédio sexual. Para a codificação inicial dos dados e criação das variáveis compósitas foi utilizando o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Versão 29. As análises de consistência interna e a análise fatorial exploratória foram realizadas com auxílio ao programa JASP. A análise fatorial confirmatória e a modelagem de equações estruturais foram conduzidas através do software IBM AMOS, Versão 29 e do programa Jamovi com recurso ao código do software R, Versão 4.3.2.

Estudo Piloto

Objetivo

O presente estudo integrou uma fase piloto com o objetivo de avaliar preliminarmente as propriedades psicométricas do instrumento Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI) na população portuguesa. Esta etapa envolveu a aplicação do protocolo a uma amostra de 50 participantes, permitindo identificar potenciais dificuldades de compreensão,

aferir a consistência interna dos itens e recolher indicações para eventuais ajustes metodológicos. A realização dos estudos piloto é considerada uma boa prática na investigação em psicologia, uma vez que possibilita testar a adequação dos instrumentos e procedimentos ao contexto cultural específico, minimizando riscos metodológicos e aumentando a validade dos resultados do estudo principal (Miguel et al., 2025). Assim, o estudo piloto constituiu uma etapa fundamental para garantir a robustez científica da investigação, permitindo otimizar a aplicação da escala numa amostra de maior dimensão e assegurar a qualidade dos dados recolhidos (Miguel et al., 2025).

Participantes

O estudo foi conduzido com uma amostra de 50 participantes obtidos por conveniência, cuja idade variou entre os 18 e os 51 anos ($M = 26,26$, $DP = 8,99$, IC 95% [23,71, 28,81]). A maioria dos participantes era do sexo feminino ($n = 42$, 84%), sendo o sexo masculino representado por 8 indivíduos (16%). Em termos de distribuição geográfica, destacaram-se os distritos de Setúbal ($n = 29$, 58%) e Lisboa ($n = 19$, 38%). Quanto ao estado civil, a maior parte da amostra encontrava-se solteira ($n = 42$, 84%). No que diz respeito ao grau de ensino frequentado, predominaram os estudantes de licenciatura ($n = 27$, 54%), seguidos de mestrado ($n = 22$, 44%) e, em menor proporção, de doutoramento ($n = 1$, 2%). Em relação à situação profissional, metade da amostra declarou ser exclusivamente estudante ($n = 25$, 50%), enquanto a outra metade identificou-se como trabalhador-estudante ($n = 25$, 50%). No domínio do acompanhamento psicológico, 34 participantes (68%) reportaram já ter tido acompanhamento, ao passo que 16 (32%) indicaram não o ter feito. No que se refere ao diagnóstico prévio de doença mental, 35 indivíduos (70%) negaram tal diagnóstico, enquanto 15 (30%) referiram já ter sido diagnosticados. Uma tendência semelhante foi observada quanto à doença física, com 41 participantes (82%) a indicarem nunca ter sido diagnosticados, face a 9 (18%) que reportaram o contrário. Dado que não ocorreram

alterações substanciais nos instrumentos ou nos procedimentos que justificassem a sua exclusão, os participantes do estudo piloto foram integrados na amostra do estudo geral. Assim, a amostra total reportada contempla todos os participantes recrutados nas diferentes fases do estudo.

Resultados

A análise de fiabilidade realizada para a escala apresentou bons indicadores de consistência interna, isto sendo comprovado pelo valor do ômega de McDonald ($\omega = 0,804$, IC 95% [0,723, 0,885]) e pelo valor do alfa de Cronbach ($\alpha = 0,793$, IC 95% [0,692, 0,866]). Os valores obtidos indicam um nível de consistência interna considerado bom, sugerindo que os itens da escala avaliam de forma homogênea o constructo subjacente.

Tabela 1

Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala

Estimativa	McDonald's ω	Cronbach's α
Estimativa pontual	0.804	0.793
Limite Inferior do IC a 95%	0.723	0.692
Limite Superior do IC a 95%	0.885	0.866

Tabela 2

Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala Item Individual

Se o item for eliminado					
Item	McDonald's ω	Cronbach's α	Correlação item-total	M	DP
1	0.765	0.759	0.580	1.800	1.340
2	0.782	0.767	0.540	1.720	0.948

3	0.759	0.761	0.571	1.780	1.148
4	0.754	0.763	0.605	1.620	0.855
5	0.797	0.782	0.398	1.680	0.913
6	0.774	0.763	0.554	1.600	1.143
7	0.814	0.800	0.284	2.060	1.236
8	0.775	0.761	0.566	1.820	1.304
9	0.807	0.796	0.254	1.340	0.895
10	0.797	0.788	0.335	1.240	0.797

Com o objetivo de examinar a estrutura fatorial do Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual (ITAS) na amostra do estudo piloto, foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) utilizando o método de mínimos resíduos (“*minimum residual*”) e rotação oblíqua (oblimin), com base na matriz de correlações. A opção por rotação oblíqua justificase pela possibilidade de os fatores estarem correlacionados. A adequação da amostra à análise fatorial foi avaliada através do índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que revelou um valor global de 0,705, indicando uma adequação aceitável (Field, 2018). Os valores individuais do MSA para os itens variaram entre 0,492 (item 9) e 0,820 (item 4). O teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($\chi^2(45) = 174,35, p < 0,001$), confirmando a existência de correlações suficientes entre os itens para justificar a aplicação da AFE. Com base nos critérios definidos (retenção manual de um fator), a análise identificou uma solução unifatorial. As cargas fatoriais dos itens no fator extraído variaram entre 0,255 (item 9) e 0,705 (item 4). Os itens 4, 3, 1, 8, 6 e 2 apresentaram cargas fatoriais superiores a 0,60, evidenciando uma forte relação com o fator. Por outro lado, os itens 10 (0,353), 7 (0,319) e 9 (0,255) apresentaram cargas inferiores a 0,40, sugerindo um contributo menos expressivo para a estrutura latente da escala. O modelo ajustado apresentou um teste qui-quadrado significativo ($\chi^2(35) = 79,77, p$

< 0,001), refletindo a sensibilidade do teste ao tamanho da amostra e ao número de itens, sendo um resultado frequente em análises fatoriais com amostras reduzidas (Kline, 2016). No seu conjunto, os resultados obtidos apoiam a existência de uma estrutura unifatorial do instrumento nesta amostra piloto, embora alguns itens revelem cargas fatoriais mais baixas, sugerindo a necessidade de uma análise complementar na amostra de maior dimensão.

Tabela 3

Cargas Fatorias

Item	Fator 1	<i>Uniqueness</i>
4	0.705	0.502
3	0.667	0.555
1	0.657	0.569
8	0.653	0.574
6	0.647	0.581
2	0.610	0.628
5	0.403	0.838
10	0.353	0.876
7	0.319	0.899
9	0.255	0.935

Nota. O método de rotação aplicado é o oblimin.

Estudo Geral

Análise Fatorial Exploratória

Com o objetivo de avaliar a estrutura latente do Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual, foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) utilizando o método de mínimos resíduos e rotação oblíqua (oblimin), baseada na matriz de correlações dos itens. A adequação

da amostra para a análise fatorial foi confirmada pelo índice Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0,811$), indicando uma excelente adequação da matriz de dados (Field, 2018). Os valores individuais do MSA para os itens variaram entre 0,718 (item 9) e 0,870 (item 4). O teste de esfericidade de Bartlett revelou-se significativo ($\chi^2(45) = 881,75, p < 0,001$), indicando a existência de correlações suficientes entre os itens para justificar a realização da AFE. Com base no critério de autovalores e na fundamentação teórica, foi extraído um fator. As cargas fatoriais dos itens neste fator variaram entre 0,430 (item 7) e 0,617 (item 2), com todos os itens a apresentarem cargas fatoriais superiores a 0,40. Estes resultados sustentam a unidimensionalidade da escala e a adequação dos itens para a avaliação do construto de tolerância ao assédio sexual. O modelo fatorial apresentou um teste qui-quadrado significativo ($\chi^2(35) = 216,20, p < 0,001$), o que é esperado em amostras de grande dimensão, não comprometendo a validade da solução encontrada. No seu conjunto, os resultados da AFE apoiam a estrutura unifatorial do TSHI, justificando o avanço para a análise fatorial confirmatória e análises de validação adicionais.

Tabela 4

Cargas Fatoriais Análise Fatorial Exploratória

Item	Fator 1	<i>Uniqueness</i>
2	0.617	0.619
4	0.595	0.647
3	0.540	0.708
10	0.537	0.711
5	0.526	0.723
9	0.524	0.725
8	0.523	0.726

6	0.504	0.746
1	0.489	0.761
7	0.430	0.816

Nota. O método de rotação aplicado é o oblimin.

Análise Fatorial Confirmatória

Com o objetivo de validar a estrutura unifatorial do Tolerance to Sexual Harassment Inventory (TSHI), foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC), utilizando o método de máxima verosimilhança (ML). O modelo testado compreendia os 10 itens identificados na análise exploratória. Os resultados revelaram um ajustamento global insuficiente do modelo aos dados. O teste do qui-quadrado foi significativo, $\chi^2(35) = 219,43$, $p < 0,001$, sugerindo discrepância entre o modelo teórico e a matriz de covariâncias observada, ainda que este teste seja sensível ao tamanho da amostra (Kline, 2016).

Os principais índices de ajustamento apresentaram-se abaixo dos valores recomendados pela literatura: Comparative Fit Index (CFI) = 0,783; Tucker-Lewis Index (TLI) = 0,721; Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) = 0,116 (IC 90% [0,102, 0,131]); e Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) = 0,068. Apenas o Goodness of Fit Index (GFI) se aproximou do valor de referência (GFI = 0,955). De acordo com Hu e Bentler (1999) e Kline (2016), valores de CFI e TLI superiores a 0,90, RMSEA inferior a 0,08 e SRMR inferior a 0,08 são indicativos de ajustamento aceitável.

No presente caso, os índices observados sugerem que o modelo unifatorial inicial não apresenta um ajustamento adequado aos dados empíricos. Estes resultados apontam para a necessidade de reespecificação do modelo, nomeadamente a identificação e eventual remoção de itens com contributo fatorial reduzido, de modo a otimizar a validade estrutural e psicométrica do instrumento.

Tabela 5*Índices de Fit Análise Fatorial Confirmatória*

Index	Value
Comparative Fit Index (CFI)	0.783
Tucker-Lewis Index (TLI)	0.721
Goodness of Fit Index (GFI)	0.955
Root mean square error of approximation (RMSEA)	0.116
Bentler-Bonett Non-normed Fit Index (NNFI)	0.721
Bentler-Bonett Normed Fit Index (NFI)	0.754
Parsimony Normed Fit Index (PNFI)	0.587
Bollen's Relative Fit Index (RFI)	0.684
Bollen's Incremental Fit Index (IFI)	0.785
Relative Noncentrality Index (RNI)	0.783

Análise Fatorial Confirmatória Ajustada

Na sequência da remoção dos itens 1, 9 e 10, cuja contribuição fatorial se revelou insuficiente, foi testado um modelo unifatorial revisto, composto por sete itens, através de análise fatorial confirmatória (AFC) com estimação por máxima verosimilhança. O modelo revisto apresentou uma melhoria substancial nos índices de ajustamento. O teste do qui-quadrado manteve-se significativo, $\chi^2(14) = 53,46$, $p < 0,001$, um resultado habitual em amostras de maior dimensão. O Comparative Fit Index (CFI = 0,917) e o Goodness of Fit Index (GFI = 0,986) revelaram um ajustamento adequado, enquanto o Tucker-Lewis Index (TLI = 0,876) se aproximou do limiar recomendado para aceitabilidade. O Root Mean Square

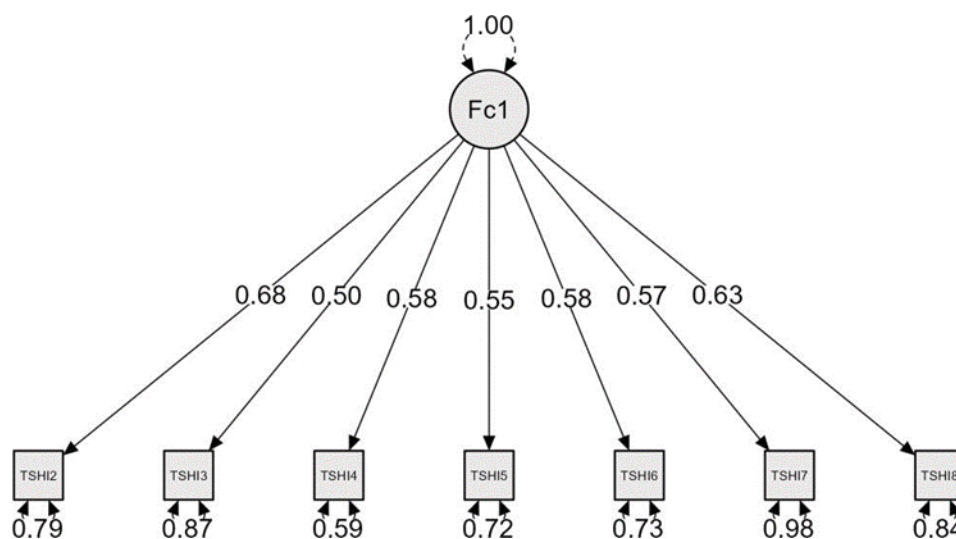
Error of Approximation (RMSEA) situou-se em 0,085 (IC 90% [0,062, 0,110], $p = 0,008$) e o Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) foi de 0,044.

Segundo as orientações de Hu e Bentler (1999) e Kline (2016), os valores de CFI, GFI e SRMR indicam um ajustamento satisfatório do modelo, enquanto o valor de RMSEA, apesar de ligeiramente acima do critério de 0,08, se mantém dentro de um intervalo aceitável para modelos de complexidade moderada. As cargas fatoriais dos itens variaram entre 0,50 (item 4) e 0,68 (item 2), sugerindo associações moderadas entre os itens e o constructo latente. Em conjunto, estes resultados sustentam a validade estrutural da versão reduzida da escala, recomendando a sua aplicação na avaliação da tolerância ao assédio sexual no contexto português.

Tabela 6

Índices de Fit Análise Fatorial Confirmatória Ajustada

Index	Value
Comparative Fit Index (CFI)	0.917
Tucker-Lewis Index (TLI)	0.876
Goodness of Fit Index (GFI)	0.986
Root mean square error of approximation (RMSEA)	0.085
Bentler-Bonett Non-normed Fit Index (NNFI)	0.876
Bentler-Bonett Normed Fit Index (NFI)	0.893
Parsimony Normed Fit Index (PNFI)	0.595
Bollen's Relative Fit Index (RFI)	0.839
Bollen's Incremental Fit Index (IFI)	0.919
Relative Noncentrality Index (RNI)	0.917

Figura 3*Modelo Da Escala***Análise de Consistência Interna**

A análise de fiabilidade realizada para a versão final da escala revelou indicadores satisfatórios de consistência interna, como demonstrado pelo valor do ômega de McDonald ($\omega = 0,751$, IC 95% [0,713, 0,789]) e pelo valor do alfa de Cronbach ($\alpha = 0,750$, IC 95% [0,710, 0,786]). Estes resultados evidenciam um nível de consistência interna considerado adequado, indicando que os sete itens da escala avaliam de forma homogênea o constructo de tolerância ao assédio sexual.

Tabela 7*Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala*

Estimativa	McDonald's ω	Cronbach's α
Estimativa pontual	0.751	0.750
Limite Inferior do IC a 95%	0.713	0.710
Limite Superior do IC a 95%	0.789	0.786

Tabela 8*Estatística Frequentista de Fiabilidade da Escala Item Individual*

Item	Se o item for eliminado		Correlação item-total	M	DP
	McDonald's ω	Cronbach's α			
2	0.712	0.710	0.509	1.772	1.121
3	0.735	0.734	0.399	1.700	1.061
4	0.715	0.713	0.502	1.682	0.963
5	0.723	0.721	0.462	1.726	1.014
6	0.717	0.716	0.485	1.569	1.034
7	0.731	0.730	0.425	1.872	1.147
8	0.717	0.716	0.485	1.674	1.115

Análises de Associação

Com o objetivo de examinar as associações entre a tolerância ao assédio sexual, os estilos de coping e os traços de personalidade, foram conduzidas análises de correlação de Pearson, assumindo uma distribuição normal segundo o Teorema do Limite Central (Kwak & Kim, 2017), recorrendo tanto à abordagem estatística frequentista como à abordagem estatística bayesiana. A utilização de ambos os paradigmas permite uma avaliação mais abrangente e robusta das relações entre as variáveis, combinando a inferência tradicional baseada em testes de significância com a quantificação da evidência estatística proporcionada pelo fator de Bayes. Esta abordagem dual é amplamente recomendada na literatura contemporânea, por favorecer interpretações mais informadas e transparentes dos resultados (Pek & Zandt, 2019).

Foi observada uma associação positiva entre a tolerância ao assédio sexual e o coping

evitamento ($r(388) = 0,55, p < 0,001, BF_{10} = 67,01, IC\ 95\% [0,48; 0,62]$), assim como com o coping racional ($r(388) = 0,39, p < 0,001, BF_{10} = 28,76, IC\ 95\% [0,30; 0,47]$) e com o coping distante/emocional ($r(388) = 0,18, p < 0,001, BF_{10} = 33,93, IC\ 95\% [0,08; 0,27]$).

No que respeita aos traços de personalidade, a tolerância ao assédio sexual evidenciou correlações negativas com a amabilidade ($r(388) = -0,38, p < 0,001, BF_{10} = 27,72, IC\ 95\% [-0,46; -0,29]$), conscienciosidade ($r(388) = -0,19, p < 0,001, BF_{10} = 4,49, IC\ 95\% [-0,29; -0,10]$), neuroticismo ($r(388) = -0,23, p < 0,001, BF_{10} = 7,49, IC\ 95\% [-0,32; -0,13]$) e abertura à experiência ($r(388) = -0,27, p < 0,001, BF_{10} = 11,96, IC\ 95\% [-0,36; -0,18]$). Verificou-se ainda uma associação negativa, ainda que mais modesta, com a extroversão ($r(388) = -0,14, p < 0,01, BF_{10} = 3,24, IC\ 95\% [-0,24; -0,04]$).

No que concerne às relações entre os estilos de coping e os traços de personalidade, o coping evitamento apresentou correlações negativas com a extroversão ($r(388) = -0,27, p < 0,001, BF_{10} = 11,26, IC\ 95\% [-0,36; -0,18]$), amabilidade ($r(388) = -0,47, p < 0,001, BF_{10} = 44,45, IC\ 95\% [-0,54; -0,38]$), conscienciosidade ($r(388) = -0,28, p < 0,001, BF_{10} = 12,49, IC\ 95\% [-0,37; -0,18]$) e neuroticismo ($r(388) = -0,17, p < 0,001, BF_{10} = 2,82, IC\ 95\% [-0,26; -0,07]$). O coping racional apresentou associações negativas com a amabilidade ($r(388) = -0,20, p < 0,001, BF_{10} = 5,01, IC\ 95\% [-0,29; -0,11]$), conscienciosidade ($r(388) = -0,30, p < 0,001, BF_{10} = 11,43, IC\ 95\% [-0,39; -0,21]$) e neuroticismo ($r(388) = -0,30, p < 0,001, BF_{10} = 80,57, IC\ 95\% [-0,39; -0,21]$).

Por sua vez, o coping distante/emocional apresentou correlações positivas com o neuroticismo ($r(388) = 0,31, p < 0,001, BF_{10} = 15,51, IC\ 95\% [0,21; 0,39]$), conscienciosidade ($r(388) = 0,24, p < 0,001, BF_{10} = 8,87, IC\ 95\% [0,15; 0,33]$) e abertura à experiência ($r(388) = 0,30, p < 0,001, BF_{10} = 15,72, IC\ 95\% [0,21; 0,39]$), bem como uma correlação negativa com a extroversão ($r(388) = -0,09, p < 0,05, BF_{10} = 0,28, IC\ 95\% [-0,18; -0,01]$).

De um modo geral, a convergência dos resultados frequentistas e bayesianos evidencia padrões de associação entre a tolerância ao assédio sexual, os estilos de coping e os traços de personalidade, reforçando a consistência dos achados.

Modelagem de Equações Estruturais

Foi estimado um modelo de equações estruturais para avaliar o impacto do modelo proposto, onde se verifica o impacto dos traços de personalidade sobre os estilos de coping, e destes na tolerância ao assédio sexual. Os resultados indicam que o ajustamento global do modelo é insatisfatório, conforme evidenciado por um índice RMSEA elevado (0,25, IC 90% [0,23; 0,27]) e um SRMR de 0,15. Os índices incrementais, nomeadamente o Comparative Fit Index (CFI = 0,50) e o Tucker-Lewis Index (TLI = 0,18), encontraram-se bastante abaixo dos valores de referência habitualmente recomendados ($\geq 0,90$).

No que respeita à explicação da variância, os valores de R^2 dos constructos latentes de coping e tolerância ao assédio sexual foram muito reduzidos (ou mesmo negativos), refletindo a inexistência de efeitos significativos entre as variáveis analisadas.

Adicionalmente, os coeficientes padronizados dos caminhos estruturais entre personalidade, coping e tolerância ao assédio sexual não atingiram significância estatística, indicando a ausência de associações robustas no modelo proposto.

Assim sendo, os resultados sugerem que, nesta amostra, não se verificaram efeitos estatisticamente significativos dos traços de personalidade sobre os estilos de coping, nem destes sobre a tolerância ao assédio sexual, não tendo sido observado suporte empírico para o modelo teórico testado.

Tabela 9

Índices de Fit da Modelagem de Equações Estruturais

Index	Value
-------	-------

Comparative Fit Index (CFI)	0.502
Tucker-Lewis Index (TLI)	0.180
Goodness of Fit Index (GFI)	0.994
Root mean square error of approximation (RMSEA)	0.247
Bentler-Bonett Non-normed Fit Index (NNFI)	0.180
Bentler-Bonett Normed Fit Index (NFI)	0.499
Parsimony Normed Fit Index (PNFI)	0.303
Bollen's Relative Fit Index (RFI)	0.174
Bollen's Incremental Fit Index (IFI)	0.509
Relative Noncentrality Index (RNI)	0.502

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo validar o Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual para a população portuguesa e investigar a complexa relação entre os traços de personalidade, os estilos de coping e a tolerância ao assédio sexual. Os resultados oferecem um contributo relevante para o avanço do conhecimento científico nesta área, ao fornecer evidência empírica sobre as propriedades psicométricas do instrumento, bem como sobre os padrões de associação entre as variáveis estudadas em contexto universitário português. No que concerne à validação do instrumento, os resultados obtidos revelaram uma estrutura unifatorial adequada após o ajustamento do modelo, com sete itens a apresentar cargas fatoriais satisfatórias e níveis de consistência interna considerados adequados ($\omega = 0,751$; $\alpha = 0,750$). Estes resultados convergem com investigações internacionais, que sublinham a robustez do inventário de tolerância ao assédio sexual como instrumento para aferir atitudes de tolerância face ao assédio sexual em diferentes contextos culturais

(Lipschultz & Hilt, 1994; Shi & Zheng, 2020). No entanto, a necessidade de eliminar três itens para otimizar o ajustamento do modelo sugere possíveis especificidades culturais na compreensão do fenómeno do assédio em Portugal, reforçando a importância de adaptar instrumentos de avaliação à realidade sociocultural de cada população (Hardt et al., 2022).

No plano das associações entre as variáveis estudadas, observou-se que uma maior tolerância ao assédio sexual se associou de forma robusta ao uso do coping evitante ($r(388) = 0,55, p < 0,001, BF_{10} = 67,01, IC\ 95\% [0,48; 0,62]$), do coping racional ($r(388) = 0,39, p < 0,001, BF_{10} = 28,76, IC\ 95\% [0,30; 0,47]$) e, em menor grau, do coping distante/emocional ($r(388) = 0,18, p < 0,001, BF_{10} = 33,93, IC\ 95\% [0,08; 0,27]$). Estes resultados sugerem que os indivíduos mais tolerantes ao assédio sexual tendem a recorrer a estratégias de coping que envolvem, por um lado, o evitamento da confrontação direta com o fenómeno e, por outro, a racionalização e distanciamento emocional face a situações potencialmente abusivas. Esta evidência está em consonância com estudos prévios que apontam para o papel do coping evitante e racional na manutenção de atitudes permissivas face a condutas abusivas, ao reduzir o desconforto psicológico associado ao reconhecimento do assédio (Hall et al., 2022; Wu et al., 2020). Adicionalmente, a tolerância ao assédio sexual apresentou correlações negativas com a amabilidade ($r(388) = -0,38, p < 0,001, BF_{10} = 27,72$), conscienciosidade ($r(388) = -0,19, p < 0,001, BF_{10} = 4,49$), neuroticismo ($r(388) = -0,23, p < 0,001, BF_{10} = 7,49$), abertura à experiência ($r(388) = -0,27, p < 0,001, BF_{10} = 11,96$) e extroversão ($r(388) = -0,14, p < 0,01, BF_{10} = 3,24$). Estes resultados indicam que os indivíduos com maiores níveis destes traços de personalidade tendem a ser menos tolerantes ao assédio sexual, corroborando investigações anteriores que identificaram a amabilidade, a conscienciosidade e a abertura à experiência como fatores protetores face à aceitação de comportamentos abusivos (Figueiredo et al., 2020; Leszko et al., 2020; Shi & Zheng, 2020). Por exemplo, os indivíduos mais amáveis e conscientes apresentam maior sensibilidade ética e maior propensão para

rejeitar comportamentos socialmente condenáveis (Getzmann et al., 2021; Pradana & Mayasari, 2023). No que diz respeito às associações entre os estilos de coping e os traços de personalidade, o coping evitante apresentou correlações negativas com extroversão, amabilidade, conscienciosidade e neuroticismo, enquanto o coping racional esteve negativamente associado à amabilidade, conscienciosidade e neuroticismo. Por sua vez, o coping distante/emocional apresentou associações positivas com neuroticismo, conscienciosidade e abertura à experiência, e uma associação negativa, ainda que modesta, com a extroversão. Tais resultados são consistentes com a literatura que sustenta que indivíduos com maiores níveis de extroversão e conscienciosidade recorrem menos a estratégias de coping evitante e mais a estratégias adaptativas, enquanto traços como o neuroticismo estão associados ao uso mais frequente de coping emocional e distante (Ferrer et al., 2021; Gashi et al., 2022). Importa realçar que a convergência entre os resultados obtidos pelas abordagens frequentista e bayesiana reforça a robustez dos achados, respondendo às recomendações da literatura internacional para a utilização de modelos estatísticos complementares na investigação psicológica (Pek & Zandt, 2019). Apesar das associações significativas identificadas entre as variáveis de interesse, o modelo de equações estruturais proposto não encontrou suporte empírico na amostra estudada. O ajustamento global do modelo foi insuficiente ($RMSEA = 0,25$; $SRMR = 0,15$; $CFI = 0,50$), com valores de R^2 reduzidos e ausência de efeitos estatisticamente significativos dos traços de personalidade sobre os estilos de coping e destes na tolerância ao assédio sexual. Estes resultados sugerem que a relação entre as dimensões em análise pode ser mais complexa e multifatorial do que o modelo teórico inicial previa. As possíveis explicações para este achado incluem a influência de variáveis contextuais e ambientais (como o clima organizacional, a socialização de género ou o suporte social) que não foram consideradas no presente modelo, mas que a literatura reconhece como relevantes na compreensão das

atitudes face ao assédio sexual (Brown & Biefeld, 2023; Ormerod et al., 2022). Outra explicação plausível prende-se com a possibilidade de mediação parcial ou de caminhos indiretos não captados no modelo testado, sugerindo a necessidade de modelos teóricos mais abrangentes e integrativos, que incluam moderadores contextuais e variáveis mediadoras adicionais (Hardt et al., 2022; Nguyen, 2023). Os resultados do presente estudo possuem relevantes implicações práticas para o desenvolvimento de intervenções de prevenção e promoção do bem-estar psicológico nos contextos educativos, organizacionais e clínicos. A validação do ITAS para a população portuguesa permite a avaliação sistemática das atitudes de tolerância face ao assédio sexual, instrumentalizando a monitorização do fenómeno e o planeamento de estratégias preventivas. Adicionalmente, o reconhecimento do papel dos traços de personalidade e dos estilos de coping como fatores associados à tolerância ao assédio reforça a importância de intervenções psicológicas focadas na promoção de estratégias de coping adaptativas e no desenvolvimento de competências socioemocionais, como a assertividade, a empatia e a consciência ética (Li et al., 2023; Wardani et al., 2022). Entre as principais limitações do estudo destaca-se o carácter transversal e a utilização de uma amostra de conveniência, predominantemente feminina e composta por estudantes universitários, o que pode limitar a generalização dos resultados a outras populações. A natureza autorreportada dos instrumentos utilizados pode também introduzir viés de desejabilidade social. As futuras investigações deverão procurar replicar e alargar estes achados em amostras mais diversificadas e explorar, através de modelos longitudinais, a evolução das atitudes de tolerância ao assédio sexual ao longo do tempo e em resposta a intervenções preventivas. Sugere-se ainda a inclusão de variáveis contextuais, como o clima organizacional, a socialização de género e o suporte social, em futuros modelos explicativos, bem como a análise qualitativa das experiências de assédio e coping, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas subjacentes ao fenómeno. Em síntese, o presente

estudo representa um contributo relevante para o conhecimento científico sobre as interações entre personalidade, coping e tolerância ao assédio sexual no contexto universitário português. Ao validar um instrumento de avaliação inovador e ao clarificar os padrões de associação entre dimensões psicológicas e atitudes sociais, os resultados obtidos facultam orientações valiosas para a prevenção do assédio e a promoção do bem-estar psicológico em ambientes de ensino superior. O reconhecimento da importância dos fatores individuais e contextuais sublinha a necessidade de abordagens multidimensionais na compreensão e intervenção sobre o assédio sexual, promovendo ambientes mais seguros, éticos e inclusivos para todos.

Referências

- Adler, M., Vincent-Höper, S., Vaupel, C., Gregersen, S., Schablon, A., & Nienhaus, A. (2021). Sexual harassment by patients, clients, and residents: investigating its prevalence, frequency and associations with impaired well-being among social and healthcare workers in germany. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(10), 5198. <https://doi.org/10.3390/ijerph18105198>
- Ahmed, M. A., Khattak, M. S., & Anwar, M. (2020). Personality traits and entrepreneurial intention: the mediating role of risk aversion. *Journal of Public Affairs*, 22(1). <https://doi.org/10.1002/pa.2275>
- Ahmed, S., Ramzan, M., Sheikh, A., & Ali, A. (2020). Impact of students personality traits on social networking sites usage, benefits and risks. *Global Knowledge, Memory and Communication*, 70(6/7), 518-537. <https://doi.org/10.1108/gkmc-04-2020-0048>
- Akbar, Y. A. A., Azhar, N. A., Hassan, N. D., & Rashid, N. R. N. A. (2017). Personality traits and sexual harassment coping behavior: An exploratory study of undergraduates students in selected Malaysian colleges. *International Journal of Business, Economics and Law*, 13(2), 40–46.
- Altun, İ. K. (2023). Emotion dysregulation affects functionality in major depressive disorder.
- Alvi, D. S. M., Aftab, N., & Bano, S. (2022). Big five personality types as predictors of gratitude among adults. *Journal of Management Practices, Humanities and Social Sciences*, 6(1). <https://doi.org/10.33152/jmphss-6.1.1>
- Arshad, D. and Al-Idrus, S. N. (2020). Disentangling the empirical evidence

- between personality, work experience, and improvisation among middle management government officers. *Journal of Business Management and Accounting*, 4, 75-85. <https://doi.org/10.32890/jbma2014.4.0.8881>
- Aschenbrenner, A. J., Petros, J., McDade, E., Wang, G., Balota, D. A., Benzinger, T. L., ... & Hassenstab, J. (2020). Relationships between big-five personality factors and alzheimer's disease pathology in autosomal dominant alzheimer's disease. *Alzheimer's & Dementia: Diagnosis, Assessment & Disease Monitoring*, 12(1). <https://doi.org/10.1002/dad2.12038>
- Awad, E., Fawaz, M., Hallit, S., & Obeid, S. (2022). The moderating effect of emotion regulation in the association between coping strategies and resilience in lebanese adults. *BMC Psychology*, 10(1). <https://doi.org/10.1186/s40359-022-01019-9>
- Bilal, A., Laeeque, S. H., Saeed, M., & Mumtaz, M. (2022). Teacher-perpetrated sexual harassment and student performance: roles of emotional exhaustion and neuroticism. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 41(5), 793-812. <https://doi.org/10.1108/edi-06-2021-0155>
- Bondestam, F. and Lundqvist, M. (2020). Sexual harassment in higher education – a systematic review. *European Journal of Higher Education*, 10(4), 397-419. <https://doi.org/10.1080/21568235.2020.1729833>
- Brewer, G., Lyons, M., Perry, A., & O'Brien, F. (2019). Dark Triad Traits and Perceptions of Sexual Harassment. *Journal of Interpersonal Violence*, 36, NP7373 - NP7387. <https://doi.org/10.1177/0886260519827666>

- Brown, C. S., Biefeld, S. D., & Elpers, N. (2020). A bioecological theory of sexual harassment of girls: research synthesis and proposed model. *Review of General Psychology*, 24(4), 299-320. <https://doi.org/10.1177/1089268020954363>
- Burhan, N. A. S., Keshminder, J., Sabri, M. F., Salleh, F., Afthanorhan, A., & Joey, C. (2022). Materialism and big-five personality traits shaping low-income university students' compulsive online-buying behavior. *Pertanika Journal of Social Sciences and Humanities*, 30(4), 1931-1953. <https://doi.org/10.47836/pjssh.30.4.24m>
- Cabecinhas, R. (2010) "Expressões de racismo: mudanças e continuidades". In: Mandarino, A.C.S. & Gomberg, E. (Eds.) *Racismos: Olhares plurais* (pp.11-43). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Carvalho, L. d. F., Pianowski, G., & Gonçalves, A. P. (2020). Personality differences and covid- 19: are extroversion and conscientiousness personality traits associated with engagement with containment measures?. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 42(2), 179-184. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2020-0029>
- Charoenkul, S. and Chanchalor, S. (2021). Information seeking behaviour and personality traits in secondary-school students. *International Journal of Instruction*, 14(2), 405-420. <https://doi.org/10.29333/iji.2021.14223a>
- Chen, L., Wu, Y., & Jia, X. (2023). The relationship between big five personality and quality of life of people with disabilities: the mediating effect of social support. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1061455>

- Cui, S., Cheng, F., Zhang, C., Yuan, Q., Huang, C., Zhang, K., ... & Zhou, X. (2020). Self- esteem, social support and coping strategies of left-behind children in rural china, and the intermediary role of subjective support.. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-38660/v1>
- Dahl, A. A. and Fosså, S. D. (2022). High neuroticism is related to more overall functional problems and lower function scores in men who had surgery for non-relapsing prostate cancer. *Current Oncology*, 29(8), 5823-5832. <https://doi.org/10.3390/curroncol29080459>
- DelGreco, M., Hubbard, A. S. E., & Denes, A. (2020). Communicating by catcalling: power dynamics and communicative motivations in street harassment. *Violence Against Women*, 27(9), 1402-1426. <https://doi.org/10.1177/1077801220927085>
- Desie, Y., Habtamu, K., Asnake, M., Gina, E., & Mequanint, T. (2021). Coping strategies among ethiopian migrant returnees who were in quarantine in the time of covid-19: a center- based cross-sectional study. *BMC Psychology*, 9(1). <https://doi.org/10.1186/s40359-021->
- Dong, Y. and Tu, C. (2020). Influence of college students' agreeableness on interpersonal relationships: moderating role of empathy. *Education and Urban Society*, 53(4), 383-401. <https://doi.org/10.1177/0013124520928609>
- Drażkowski, D. and Ganclerz, M. (2022). Social perception of sexual harassment in informal relations. *Current Issues in Personality Psychology*. <https://doi.org/10.5114/cipp.2021.110026>
- Dvorak, G., Rappersberger, K., Xiao-hui, R. F., Bruckmann, C., & Eva, H. (2020). Effect of personality traits on the oral health-related quality

of life in patients with oral lichen planus undergoing treatment.

Clinical Oral Investigations, 25(4), 2381-2389.

<https://doi.org/10.1007/s00784-020-03561-5>

Dwiyanti, R. and Kartikawati, R. (2020). Working women coping strategy

in facing work conflict. *Technium Social Sciences Journal*, 10,

358-364. <https://doi.org/10.47577/tssj.v10i1.1319>

Eftaxas, D., & Jenkins, L. (2023). Examining the Relations Among Coping,

Disclosure, and Personality Traits for Sexually Victimized College

Students. *Journal of College Student Mental Health*, 38, 552 - 572.

<https://doi.org/10.1080/87568225.2023.2203873>

Environmental Research and Public Health, 18(20), 10759.

<https://doi.org/10.3390/ijerph182010759>

Farah, S. A. N. (2022). Prevalence of sexual harassment among women

agricultural laborers and perceived impacts on their physical &

mental health. *Pakistan Journal of Educational Research*, 5(2).

<https://doi.org/10.52337/pjer.v5i2.521>

Ferrer, I., Castro, J. F., Edo, S., & Rovira, T. (2021). The influence of the

primary and secondary appraisals, and of the big five personality traits,

on the choice of coping strategies: a study based on daily stress. *Studia*

Psychologica, 63(3), 266-278. <https://doi.org/10.31577/sp.2021.03.826>

Figueiredo, C., Daniel, A. D., Almeida, J., & Soares, S. C. (2020).

Subjective well-being of portuguese employees: the role of
personality and organizational context. *European Journal of*

Behavioral Sciences, 2(2), 1-8.

<https://doi.org/10.33422/ejbs.v2i2.146>

- Fitzgerald, L. F., Shullman, S. L., Bailey, N. M., Richards, M., Swecker, J., Gold, Y., ... & Weitzman, L. M. (1988). The incidence and dimensions of sexual harassment in academia and the workplace. *Journal of Vocational Behavior*, 32(2), 152-175.
[https://doi.org/10.1016/0001-8791\(88\)90012-7](https://doi.org/10.1016/0001-8791(88)90012-7)
- Galovski, T. E., McSweeney, L. B., Woolley, M. G., Alpert, E., & Nillni, Y. I. (2023). The relative impact of different types of military sexual trauma on long-term PTSD, depression, and suicidality. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(15-16), 9465-9491.
<https://doi.org/10.1177/08862605231168823>
- Gashi, D., Galloopeni, F., Imeri, G., Shahini, M., & Bahtiri, S. (2022). The relationship between big five personality traits, coping strategies, and emotional problems through the COVID-19 pandemic. *Current Psychology*, 42(33), 29179-29188. <https://doi.org/10.1007/s12144->
- Getzmann, S., Digutsch, J., & Kleinsorge, T. (2021). COVID-19 pandemic and personality: agreeable people are more stressed by the feeling of missing. *International Journal of*
- Gjermunds, N., Brechan, I., Johnsen, S. Å. K., & Watten, R. G. (2020). Personality traits in musicians. *Current Issues in Personality Psychology*, 8(2), 100-107. <https://doi.org/10.5114/cipp.2020.97314>
- Go, W., Leite, L. O., & Havu-Nuutinen, S. (2021). Finnish primary school teachers' emotional coping in student-related stressful situations. *International Journal of Educational Psychology*, 10(2), 89.
<https://doi.org/10.17583/ijep.2021.5137>
- Goh, J. X., Bandt-Law, B., Cheek, N. N., Sinclair, S., & Kaiser, C. R. (2022).

- Narrow prototypes and neglected victims: understanding perceptions of sexual harassment.. *Journal of Personality and Social Psychology*, 122(5), 873-893. <https://doi.org/10.1037/pspi0000260>
- Gönenç, İ. M., Aker, M. N., Güven, H. K., & Tekin, Ö. M. (2020). The effect of the personality traits of pregnant women on the fear of childbirth. *Perspectives in Psychiatric Care*, 56(2), 347-354. <https://doi.org/10.1111/ppc.12440>
- Gong, J., Chen, G., Qi, Z., Zhong, S., Su, T., Pan, Y., ... & Wang, Y. (2021). Psychological effects of people isolated in hubei due to covid-19 epidemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.597894>
- Grant, J. E. and Chamberlain, S. R. (2021). Personality traits and their clinical associations in trichotillomania and skin picking disorder. *BMC Psychiatry*, 21(1). <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03209-y>
- Hall, D. L., Levine, B., Jeter, E., Chandler, A., Tooze, J. A., Duffecy, J., ... & Wagner, L. I. (2022). A spotlight on avoidance coping to manage fear of recurrence among breast cancer survivors in an ehealth intervention. *Journal of Behavioral Medicine*, 45(5), 771- 781. <https://doi.org/10.1007/s10865-022-00349-8>
- Harada, M., Tsuboyama-Kasaoka, N., Oka, J., & Kobayashi, R. (2021). Association between personality traits and food stockpiling for disaster. *Plos One*, 16(12), e0259253. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0259253>
- Hardt, S., Stöckl, H., Wamoyi, J., & Ranganathan, N. (2022). Sexual harassment in low- and middle-income countries: a qualitative

- systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(5), 3346-3362. <https://doi.org/10.1177/15248380221127255>
- Hatano, K., Hihara, S., Sugimura, K., & Crocetti, E. (2022). Direction of associations between personality traits and educational identity processes: between- and within-person associations. *Journal of Adolescence*, 94(5), 763-775. <https://doi.org/10.1002/jad.12062>
- He, H., Wang, X., Wang, P., & Liu, S. (2023). Association between sexual harassment intervention strategies and the sexual harassment perception and attitude of university students in Beijing, China. *Journal of Interpersonal Violence*, 39(1-2), 214-236. <https://doi.org/10.1177/08862605231196106>
- Huang, W., Cai, S., Zhou, Y., Huang, J., Sun, X., Su, Y., ... & Lan, Y. (2021). Personality profiles and personal factors associated with psychological distress in Chinese nurses. *Psychology Research and Behavior Management*, Volume 14, 1567-1579. <https://doi.org/10.2147/prbm.s329036>
- Hidayah, T. and Kustina, L. (2020). Impact of personality traits on the investor sentiment. *International Journal of Business Economics* (IJBE), 2(1), 60-75. <https://doi.org/10.30596/ijbe.v2i1.5724>
- Iordăchescu, D., Paica, C. I., Boca, A. E., Gică, C., Panaitescu, A. M., Peltecu, G., ... & Gică, N. (2021). Anxiety, difficulties, and coping of infertile women. *Healthcare*, 9(4), 466. <https://doi.org/10.3390/healthcare9040466>
- Izquierdo, A., Gilar-Corbí, R., Pozo-Rico, T., & Castejón, J. L. (2023). Pre-service teachers' personal traits and emotional skills: a structural model

of general mental ability. *SAGE Open*, 13(4).

<https://doi.org/10.1177/21582440231204179>

Jenner, S. C., Djermester, P., & Oertelt-Prigione, S. (2020). Prevention strategies for sexual harassment in academic medicine: a qualitative study. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(5-6), NP2490-NP2515.

<https://doi.org/10.1177/0886260520903130>

Ji, K., Li, Z., Min, H., Sun, L., You, H., & Zhao, Y. (2023). The mechanisms of prenatal coping styles and message sources among pregnant women with fear of childbirth: a cross-sectional study..

<https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-3172684/v1>

Jones, M. S., Womack, V. Y., Jérémie-Brink, G., & Dickens, D. D. (2021).

Gendered racism and mental health among young adult u.s. black women: the moderating roles of gendered racial identity centrality and identity shifting. *Sex Roles*, 85(3-4), 221-231.

<https://doi.org/10.1007/s11199-020-01214-1>

Journal of Educational Evaluation for Health Professions, 18, 17.

<https://doi.org/10.3352/jeehp.2021.18.17>

Jung, H. S. and Yoon, H. H. (2020). How does sexual harassment influence the female employee's negative response in a deluxe hotel?. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(24), 9537.

<https://doi.org/10.3390/ijerph17249537>

Kaiser, C. R., Bandt-Law, B., Cheek, N. N., & Schachtman, R. (2022). Gender prototypes shape perceptions of and responses to sexual harassment. *Current Directions in Psychological Science*, 31(3), 254-261.

<https://doi.org/10.1177/09637214221078592>

- Kaltiala, R. and Ellonen, N. (2022). Transgender identity and experiences of sexual harassment in adolescence. *Child Abuse Review*, 31(4).
<https://doi.org/10.1002/car.2748>
- Kang, H. (2021). Sample size determination and power analysis using the g*power software.
- Kazemi, A., Jalil, A., Mafi, M., Allen, K., & Motalebi, S. A. (2021). Caregiver burden and coping strategies in caregivers of older patients with stroke. *BMC Psychology*, 9(1).
<https://doi.org/10.1186/s40359-021-00556-z>
- Kelly, W. E. (2020). Nightmares and ego strength revisited: ego strength predicts nightmares above neuroticism and general psychological distress.. *Dreaming*, 30(1), 29-44. <https://doi.org/10.1037/drm0000118>
- Kessler, A. M., Kennair, L. E. O., Grøntvedt, T. V., Bjørkheim, I., Drejer, I., & Bendixen, M. (2021). Perception of workplace social-sexual behavior as sexual harassment post #metoo in scandinavia. *Scandinavian Journal of Psychology*, 62(6), 846-857. <https://doi.org/10.1111/sjop.12763>
- Kolla, N. J., Boileau, I., & Bagby, R. M. (2022). Higher trait neuroticism is associated with greater fatty acid amide hydrolase binding in borderline and antisocial personality disorders. *Scientific Reports*, 12(1).
<https://doi.org/10.1038/s41598-022-04789-9>
- Kuijpers, E., Pickett, J., Wille, B., & Hofmans, J. (2022). Does it pay off to act conscientiously, both now and later? examining concurrent, lagged, and cumulative effects of state conscientiousness. *European Journal of Personality*, 38(1), 21-35. <https://doi.org/10.1177/08902070221124705>
- Kumar, S. and Sharma, R. K. (2022). A study of sexual harassment of women at workplace environment. *Journal of Education Review Provision*,

2(1), 17-22. <https://doi.org/10.55885/jerp.v2i1.148>

Kumar, V. and Tankha, G. (2023). Association between the big five and trait emotional intelligence among college students. *Psychology Research and Behavior Management, Volume 16*, 915-925.
<https://doi.org/10.2147/prbm.s400058>

Kutlu, M. B. (2022). A trait-based consumer segmentation for food waste reduction campaigns. *Social Marketing Quarterly*, 28(2), 130-146.
<https://doi.org/10.1177/15245004221097752>

Kwak, S. G. and Kim, J. (2017). Central limit theorem: the cornerstone of modern statistics. *Korean Journal of Anesthesiology*, 70(2), 144.
<https://doi.org/10.4097/kjae.2017.70.2.144>

Lei, L. Y., Ismail, M. A., Mohammad, J. A., & Yusoff, M. S. B. (2020). The relationship of smartphone addiction with psychological distress and neuroticism among university medical students. *BMC Psychology*, 8(1).
<https://doi.org/10.1186/s40359-020-00466-6>

Leszko, M., Iwański, R., & Jarzębińska, A. (2020). The relationship between personality traits and coping styles among first-time and recurrent prisoners in poland. *Frontiers in Psychology*, 10.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02969>

Li, W., Guo, Y., Lai, W., Wang, W., Li, X., Zhu, L., ... & Lu, C. (2023). Reciprocal relationships between self-esteem, coping styles and anxiety symptoms among adolescents: between-person and within-person effects. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 17(1).
<https://doi.org/10.1186/s13034-023-00564-4>

Liao, X., Lyu, B., & Abbas, J. (2023). Sexual harassment in the workplace:

- rituals as prevention and management strategies in covid-19 crisis.
Heliyon, 9(9), e19530. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2023.e19530>
- Lin, Y. and Tseng, L. (2022). Customer power, perceived behavioral control, and life insurance salespeople's reactions to customer sexual harassment. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 41(8), 1209-1224. <https://doi.org/10.1108/edi-03-2021-0061>
- Lipschultz, J. H., & Hilt, M. L. (1994). Broadcast managers and the Tolerance for Sexual Harassment Inventory. *Journal of Social Behavior and Personality*, 9(1), 141–152.
<https://digitalcommons.unomaha.edu/commfacpub/56>
- Liu, A. Y., Botella Carrubi, M. D., & Blanco González-Tejero, C. (2024). Community startup businesses: the impact of big five personality traits and social media technology acceptance on group buying leaders. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 30(4), 955-978. <https://doi.org/10.1108/ijebr-07-2023-0685>
- Livingston, J. A., Testa, M., Derrick, J. L., Nickerson, A. B., Miller, K. E., Haas, J. L., ... & Espelage, D. L. (2022). Peer sexual harassment, affect, and substance use: daily level associations among adolescents. *Journal of Adolescence*, 94(7), 955-968. <https://doi.org/10.1002/jad.12076>
- Longitudinal relationship between experience of sexual harassment and 2-year body image and weight outcomes in adolescence: mediation through self-objectification and
- Mahmood, M., Afzal, M. T., Malik, A. R., Butt, A. U. A., Khan, M. S., & Waseem, M. H. (2021). Association of stress coping strategies and leisure time physical activity with academic performance in medical

students. *Journal of Rawalpindi Medical College*, 25(1), 48-54.

<https://doi.org/10.37939/jrmc.v25i1.1744>

Mahmood, M., Afzal, M. T., Malik, A. R., Butt, A. U. A., Khan, M. S., & Waseem, M. H. (2021). Association of stress coping strategies and leisure time physical activity with academic performance in medical students. *Journal of Rawalpindi Medical College*, 25(1), 48-54.

<https://doi.org/10.37939/jrmc.v25i1.1744>

Marstrand-Joergensen, M. R., Madsen, M., Stenbæk, D. S., Ozenne, B., Jensen, P., Frøkjær, V. G., ... & Fisher, P. M. (2021). Default mode network functional connectivity negatively associated with trait openness to experience. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 16(9), 950-961. <https://doi.org/10.1093/scan/nsab048>

Matsayi Aji, L., Nuhu Adamu, N., Azumi Kefas, V., Godwin, A., & Garba Hassan, C. (2024). Sexual harassment. Recent Topics Related to Human Sexual Practices - *Sexual Practices and Sexual Crimes*. <https://doi.org/10.5772/intechopen.1003133>

Mentzelopoulos, S. D., Couper, K., Voorde, P. V. d., Druwé, P., Blom, M. T., Perkins, G. D., ... & Bossaert, L. (2021). European resuscitation council guidelines 2021: ethics of resuscitation and end of life decisions. *Resuscitation*, 161, 408-432. <https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2021.02.017>

Miguel, D., Sofia, F., Garrido, M.V. & Souza, C. (2025). Estudo Piloto: A sua importância para a investigação científica. Em M. Prada & D. Guedes (Eds.), *Caderno de Laboratório* (Vol. III). Laps- Laboratório de Psicologia, Iscte- Instituto Universitário de Lisboa.

- Miralam, M. S., Ali, N., & Jeet, V. (2020). Impact of big five model on leadership initiation in critical business environment among marketing executives. *The Journal of Asian Finance, Economics and Business*, 7(11), 507-517. <https://doi.org/10.13106/jafeb.2020.vol7.no11.507>
- Mishra, P. K. and Bhutia, S. (2023). Sexual harassment of women in higher academia: a study with special reference to teacher–student relation. *Asian Journal of Legal Education*, 10(2), 204-216. <https://doi.org/10.1177/23220058231161271>
- Mitić, P., Nedeljković, J., Takšić, V., Sporiš, G., Stojiljković, N., & Milčić, L. (2020). Sports performance as a moderator of the relationship between coping strategy and emotional intelligence. *Kinesiology*, 52(2), 281-289. <https://doi.org/10.26582/k.52.2.15>
- Mohamad, F. F. (2022). Social media use and sexual harassment propensity among female youth in perak. *Malaysian Journal of Social Sciences and Humanities (MJSSH)*, 7(12), e001993. <https://doi.org/10.47405/mjssh.v7i12.1993>
- Mou, Y., Cui, Y., Wang, J., Wu, Y., & Li, Z. (2021). Perceiving sexual harassment and #metoo social media campaign among Chinese female college students. *Journal of Gender Studies*, 31, 178 - 192. <https://doi.org/10.1080/09589236.2021.1884848>.
- Murchison, G. R., Austin, S. B., Reisner, S. L., & Chen, J. T. (2022). Middle school psychological distress and sexual harassment victimization as predictors of dating violence involvement. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(9-10), 6576-6600. <https://doi.org/10.1177/08862605221135166>

Nash, C. (2023). Extraversion in covid-19 coping..

<https://doi.org/10.20944/preprints202304.0138.v1>

Nazneen, S. and Huq, L. (2023). Domestic workers' agency against workplace sexual harassment: the role of social norms in bangladesh. *Development Policy Review*, 41(4). <https://doi.org/10.1111/dpr.12702>

Nezkusilová, J., Chylová, M., & Seilerova, M. (2020). Stress, exhaustion and depression: the central variables in high-risk professions and the role of personal resources. *Advances in Psychology and Psychological Trends*, 226-238. <https://doi.org/10.36315/2021pad21>

Nguyen, H. T. (2023). Sexual harassment at work: a case study of working women in contemporary vietnam.. <https://doi.org/10.31219/osf.io/vj4zn>

Nikčević, A. V., Marino, C., Kolubinski, D. C., Leach, D. M., & Spada, M. M. (2021). Modelling the contribution of the big five personality traits, health anxiety, and covid-19 psychological distress to generalised anxiety and depressive symptoms during the covid- 19 pandemic. *Journal of Affective Disorders*, 279, 578-584. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.10.053>

Ormerod, A. J., Parisi, T., DeBlaere, C., & Sagrestano, L. M. (2022). School climate tolerant of sexual harassment is indirectly related to academic disengagement through peer sexual harassment and feeling safe in high school girls. *Journal of Social Issues*, 79(4), 1231- 1250. <https://doi.org/10.1111/josi.12528>

Othman, R. E., Othman, R. E., Hallit, R., Obeïd, S., & Hallit, S. (2020). Personality traits, emotional intelligence and decision-making styles in lebanese universities medical students. *BMC Psychology*,

8(1). <https://doi.org/10.1186/s40359-020-00406-4>

- Owokuhaiza, J., Kamoga, R., Musinguzi, P., Muwanguzi, M., Natukunda, S., Mubangizi, V., ... & Rukundo, G. Z. (2023). Burden of care and coping strategies among informal caregivers of people with behavioral and psychological symptoms of dementia in rural south-western uganda. *BMC Geriatrics*, 23(1). <https://doi.org/10.1186/s12877-023-02-2021-0026>
- Owusu, G. M. Y., Bart-Plange, M., Koomson, T. A. A., & Arthur, M. (2021). The effect of personality traits and tax morale on tax evasion intention. *Journal of Financial Crime*, 29(1), 272-292. <https://doi.org/10.1108/jfc-02-2021-0026>
- Palomäki, J., Laakasuo, M., Castrén, S., Saastamoinen, J., Kainulainen, T., & Suhonen, N. (2021). Online betting intensity is linked with extraversion and conscientiousness. *Journal of Personality*, 89(5), 1081-1094. <https://doi.org/10.1111/jopy.12637>
- Papantoniou, P. (2021). Sexual harassment and organisational silencing in nursing: a cross- sectional study in greece. *BMJ Open*, 11(11), e050850. <https://doi.org/10.1136/bmjopen->
- Pek, J. and Zandt, T. V. (2019). Frequentist and bayesian approaches to data analysis: evaluation and estimation. *Psychology Learning & Teaching*, 19(1), 21-35. <https://doi.org/10.1177/1475725719874542>
- Perry, E. L. (2023). The choice and evaluation of sexual harassment interventions in institutions of higher education. *Educational Policy*, 38(1), 104-133. <https://doi.org/10.1177/08959048221142051>
- Personality traits and self-care behaviors in adults with type 2 diabetes mellitus. *Diabetes, Metabolic Syndrome and Obesity: Targets and*

Therapy, Volume 15, 1-6. <https://doi.org/10.2147/dmso.s340277>

Poyraz, C. A., Özdemir, A., Şen, C. Ç., Sağlam, N. G. U., Enginkaya, S., & Tomruk, N. (2021). The impact of coping strategies on suicide attempts and suicidal ideation in bipolar disorder. *Journal of Nervous & Mental Disease*, 209(8), 564-570.
<https://doi.org/10.1097/nmd.0000000000001347>

Pradana, B. G. V. and Mayasari, A. (2023). Digital transformation: the role of the big five personality traits. *Jurnal Pendidikan Ekonomi Dan Bisnis (JPEB)*, 11(01), 66-79. <https://doi.org/10.21009/jpeb.011.1.6>
psychological distress. *Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 27(8), 3095-3108.
<https://doi.org/10.1007/s40519-022-01432-4>
Psychopathic : *Jurnal Ilmiah Psikologi*, 9(2), 201-212.
<https://doi.org/10.15575/psy.v9i2.7659>

Ramesh, P., Yashavanth, B. S., & Rao, R. V. S. (2022). Role of personality traits and wellbeing attributes in predicting the academic achievement of post-graduate agri-business management students. *Asian Journal of Agricultural Extension, Economics & Sociology*, 569-578.
<https://doi.org/10.9734/ajaees/2022/v40i111747>

Riddle, K. and Heaton, K. (2023). Antecedents to sexual harassment of women in selected male- dominated occupations: a systematic review. *Workplace Health & Safety*, 71(8), 356-365.
<https://doi.org/10.1177/21650799231157085>

Rivera-Picón, C., Benavente-Cuesta, M. H., Aguado, M. P. Q., Juárez-Vela, R., Martínez-Tofe, J., Sánchez-González, J. L., ... & Rodríguez-Muñoz, P.

- M. (2023). Influence of state of health and personality factors of resilience and coping in healthy subjects and those with diabetes. *Frontiers in Public Health*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1074613>
- Rockers, P. C., Zuilkowski, S. S., & Fink, G. (2023). Childhood adversity and educational attainment: evidence from zambia on the role of personality. *Frontiers in Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.995343>
- Rollings, J., Micheletta, J., Laar, D. V., & Waller, B. M. (2022). Personality traits predict social network size in older adults. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 49(6), 925-938. <https://doi.org/10.1177/01461672221078664>
- Roters, J. and Book, A. S. (2023). Using the hexaco to explain the structure of borderline and psychopathic personality traits. *Personality and Mental Health*, 17(4), 352-362. <https://doi.org/10.1002/pmh.1584>
- Salameh, A. A., Akhtar, H., Gul, R., Omar, A. B., & Hanif, S. (2022). Personality traits and entrepreneurial intentions: financial risk-taking as mediator. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.927718>
- Salma Muhana Maulida, et al. "Islamic Perspectives on Religiosity and Students' Attitudes toward Sexual Harassment." *Proceedings of International Conference on Psychology, Mental Health, Religion, and Spirituality*, vol. 1, no. 1, 3 Feb. 2023, pp. 1–6, <https://doi.org/10.29080/pmhrs.v1i1.1152>
- Salvador, S. I. (2022). Women executives and their struggle with sexual harassment: a multiple case study. *International Journal of Youth-Led*

Research, 1(1). <https://doi.org/10.56299/get116>

Sambol, S., Suleyman, E., Scarfo, J., & Ball, M. (2022). Distinguishing between trait emotional intelligence and the five-factor model of personality: additive predictive validity of emotional intelligence for negative emotional states. *Heliyon*, 8(2), e08882. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2022.e08882>

Sanchez, G. and Cragin, C. (2023). Coping in parenting adolescents with autism spectrum disorder. *The Brown University Child and Adolescent Behavior Letter*, 39(4), 1-4. <https://doi.org/10.1002/cbl.30699>

Sarwoko, E. and Nurfarida, I. N. (2021). Entrepreneurial marketing: between entrepreneurial personality traits and business performance. *Entrepreneurial Business and Economics Review*, 9(2), 105-118. <https://doi.org/10.15678/eber.2021.090207>

Sasidharan, S. and Dhillon, H. (2021). Stress and burnout among health-care workers in the coronavirus disease 2019 intensive care unit. *International Journal of Critical Illness and Injury Science*, 11(4), 257. https://doi.org/10.4103/ijciis.ijciis_45_21

Schiff, K. v. d., Flowerday, S., & Renaud, K. (2022). Socially desirable responding within the context of privacy-related research: a personality perspective. *SA Journal of Information Management*, 24(1). <https://doi.org/10.4102/sajim.v24i1.1507>

Segbenya, M. and Anokye, F. A. (2022). Challenges and coping strategies among distance education learners: implication for human resources managers. *Current Psychology*, 42(31), 27694-27708.

<https://doi.org/10.1007/s12144-022-03794-5>

- Shi, X. and Zheng, Y. (2020). Perception and tolerance of sexual harassment: an examination of feminist identity, sexism, and gender roles in a sample of chinese working women. *Psychology of Women Quarterly*, 44(2), 217-233. <https://doi.org/10.1177/0361684320903683>
- Siegel, M., Adlmann, E., Gittler, G., & Pietschnig, J. (2020). Bite the stress away? nail biting and smoking predict maladaptive stress coping strategies. *Journal of Individual Differences*, 41(1), 53-60. <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000303>
- Soponar, C. (2020). Body image, stress and coping strategies in adolescence. *Global Journal of Guidance and Counseling in Schools: Current Perspectives*, 10(2), 86-94. <https://doi.org/10.18844/gjgc.v10i2.5313>
- Stavrova, O., Evans, A. M., & Beest, I. v. (2022). The effects of partner extraversion and agreeableness on trust. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 49(7), 1028-1042. <https://doi.org/10.1177/01461672221086768>
- Stolz, C., Bulla, A., Soch, J., Schott, B. H., & Richter, A. (2023). Openness to experience is associated with neural and performance measures of memory in older adults. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 18(1). <https://doi.org/10.1093/scan/nsad041>
- Sultan, M. (2023). Preventing and protesting workplace sexual harassment: women agro- processing workers in bangladesh. *Development Policy Review*, 41(4). <https://doi.org/10.1111/dpr.12694>
- Sun, J. and Goodwin, G. P. (2020). Do people want to be more moral?. *Psychological Science*, 31(3), 243-257.

<https://doi.org/10.1177/0956797619893078>

Sutu, A. E., Phetmisy, C. N., & Damian, R. I. (2021). Open to laugh: the role of openness to experience in humor production ability.. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 15(3), 401-411.

<https://doi.org/10.1037/aca0000298>

Swami, V., Robinson, C., & Furnham, A. (2022). Positive rational acceptance of body image threats mediates the association between nature exposure and body appreciation. *Ecopsychology*, 14(2), 118-125.

<https://doi.org/10.1089/eco.2021.0029>

Taylor, B., Maitra, P., Mumford, E. A., & Liu, W. (2020). Sexual harassment of law enforcement officers: findings from a nationally representative survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(11-12), NP8454-NP8478.

<https://doi.org/10.1177/0886260520978180>

Tee, K. R., Ismail, A. S., Ang, Y. H., Hishamuddin, H. H., Paul, V. J., Aizuddin, A. N., ... & Zaini, I. Z. (2022). Prevalence of anxiety and burnout, and coping mechanisms among clinical year medical undergraduate students in universiti kebangsaan malaysia amidst the covid-19 pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(20), 13010.

<https://doi.org/10.3390/ijerph192013010>

Tekin, Ö. A. and Turhan, A. (2021). Does social media addiction differ by personality traits? a study on undergraduate tourism students. *Journal of Tourism and Services*, 12(22), 23-41.

<https://doi.org/10.29036/jots.v12i22.220>

Tesfaw, G., Amare, T., Shumet, S., Mirkina, Y., Kasew, T., Angaw, D. A., ...

& Salelew, E. (2022). Coping strategies and associated factors among physically disabled people for psychological distress in ethiopia..

<https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-1838091/v1>

Tredinnick, L. (2020). Sexual assault prevention with student-athletes:

exploring perceptions of the campus climate and awareness of sexual assault policies and resources. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(9-10), NP6855-NP6880. <https://doi.org/10.1177/0886260520967144>

Turiano, N. A., Graham, E. K., Weston, S. J., Booth, T., Harrison, F., James, B.

D., ... & Mroczek, D. K. (2020). Is healthy neuroticism associated with longevity? a coordinated integrative data analysis. *Collabra:*

Psychology, 6(1). <https://doi.org/10.1525/collabra.268>

Uke, T., Gawai, J., & Kasturkar, P. (2021). Assess the relationship between

personality traits (neuroticism, extraversion and self-efficacy) with anxiety and depression among aging population. *Journal of Pharmaceutical Research International*, 112-119.

<https://doi.org/10.9734/jpri/2021/v33i45b32787>

Vanzhula, I. A., Sala, M., Christian, C., Hunt, R. A., Keshishian, A. C., Wong,

V., ... & Levinson, C. A. (2020). Avoidance coping during mealtimes predicts higher eating disorder symptoms. *International Journal of Eating Disorders*, 53(4), 625-630. <https://doi.org/10.1002/eat.23254>

Vargas, E. A., Brassel, S. T., Cortina, L. M., Settles, I. H., Johnson, T. R., &

Jagsi, R. (2020). #medtoo: a large-scale examination of the incidence and impact of sexual harassment of physicians and other faculty at an academic medical center. *Journal of Women's Health*, 29(1), 13-20.

<https://doi.org/10.1089/jwh.2019.7766>

- Vasquez, R. A. and Neill, M. S. (2023). “underpaid, undervalued, undermined”: examining the cultural identities, challenges, and coping strategies of u.s. latinas in public relations. *Public Relations Inquiry*, 12(3), 293-319. <https://doi.org/10.1177/2046147x231200239>
- Vincent-Höper, S., Adler, M., Stein, M., Vaupel, C., & Nienhaus, A. (2020). Sexually harassing behaviors from patients or clients and care workers’ mental health: development and validation of a measure. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 2570. <https://doi.org/10.3390/ijerph17072570>
- Wajahat, J., Ali, R. N., & Jan, M. M. (2022). Sexual harassment in the workplace: a proportional examination of relevant legislation, with comparisons to two major asian countries: india and pakistan. *Pakistan Journal of Social Research*, 04(03), 10-16. <https://doi.org/10.52567/pjsr.v4i03.681>
- Wamoyi, J., Ranganathan, N., Mugunga, S., & Stöckl, H. (2021). Male and female conceptualizations of sexual harassment in tanzania: the role of consent, male power, and social norms. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(19-20), NP17492-NP17516. <https://doi.org/10.1177/08862605211028309>
- Wang, H. (2022). Legislative and judicial responses to workplace sexual harassment in mainland china: progress and drawbacks. *Frontiers in Public Health*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.1000488>
- Wardani, L. M. I., Depati, M. C. R., Sombuling, A., & Risnawati, E. (2022). Active coping style and pharmacist's burnout during pandemic covid-19. *International Journal of Health Sciences*, 6(3), 1283-1296.

<https://doi.org/10.53730/ijhs.v6n3.12107>

Welbourne, J. L., Miranda, G. A., & Gangadharan, A. (2020). Effects of employee personality on the relationships between experienced incivility, emotional exhaustion, and perpetrated incivility.. *International Journal of Stress Management*, 27(4), 335-345.

<https://doi.org/10.1037/str0000160>

Wettstein, A., Jenni, G., Schneider, S., Kühne, F., Holtforth, M. G., & Marca, R. L. (2023). Teachers' perception of aggressive student behavior through the lens of chronic worry and resignation, and its association with psychophysiological stress: an observational study. *Social Psychology of Education*, 26(4), 1181-1200.

<https://doi.org/10.1007/s11218-023-09782-2>

Wong, S. and Ratan, R. (2023). How does exposure to general and sexual harassment relate to female gamers' coping strategies and mental health?. *Games and Culture*.

<https://doi.org/10.1177/15554120231177600>

Wrzus, C., Luong, G., Wagner, G. G., & Riediger, M. (2021). Longitudinal coupling of momentary stress reactivity and trait neuroticism: specificity of states, traits, and age period.. *Journal of Personality and Social Psychology*, 121(3), 691-706.

<https://doi.org/10.1037/pspp0000308>

Wu, W. C. H., Chen, S. X., & Ng, J. C. K. (2020). Does believing in fate facilitate active or avoidant coping? the effects of fate control on coping strategies and mental well-being. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(17), 6383.

<https://doi.org/10.3390/ijerph17176383>

Yang, F. (2021). Coping strategies, cyberbullying behaviors, and depression among chinese netizens during the covid-19 pandemic: a web-based nationwide survey. *Journal of Affective Disorders*, 281, 138-144.

<https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.023>

Yi, S. Y., Ali, N. S., Lee, K. S., & Ross, A. B. (2023). Prevalence and impact of workplace sexual harassment experienced by medical sonographers. *Journal of Ultrasound in Medicine*, 43(2), 307-314.

<https://doi.org/10.1002/jum.16361>

Zeighami, M., Shahrabaki, P. M., & Dehghan, M. (2022). Iranian nurses' experiences with sexual harassment in workplace: a qualitative study. *Sexuality Research and Social Policy*, 20(2), 575-588.

<https://doi.org/10.1007/s13178-022-00688-w>

Zeighami, M., Shahrabaki, P. M., Zakeri, M. A., & Dehghan, M. (2021). Loss of individual and social identity: consequences of sexual harassment of Iranian nurses in the workplace. *Frontiers in Psychology*, 12.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.770859>

Zeighami, M., Zakeri, M. A., Shahrabaki, P. M., & Dehghan, M. (2022). Bitter silence allows sexual harassment to continue in workplace: a qualitative study in Iranian nurses. *Frontiers in Public Health*, 10.

<https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.971522>

Zelaya, D. G. and DeBlaere, C. (2024). The minority stress psychological mediation framework and mental health of Latinx sexual minority men: como se mete debajo de la piel (how it gets under the skin).. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*.

<https://doi.org/10.1037/sgd0000725>

Zhang, X., Zhang, X., & Yu, X. (2023). Behavioral intention of repeated watching and personality traits: testing mediation model of nostalgia arousal and social connectedness. *Psychology Research and Behavior Management*, Volume 16, 483-495.

<https://doi.org/10.2147/prbm.s391130>

Zhao, Y., Summers, R., Gathara, D., & English, M. (2024). Conducting cross-cultural, multi-lingual or multi-country scale development and validation in health care research: A 10-step framework based on a scoping review. *Journal of Global Health*, 14.

<https://doi.org/10.7189/jogh.14.04151>

Чернова, А. А., Frajo-Apor, B., Pardeller, S., Tutzer, F., Plattner, B., Häring, C., ... & Hofer, A. (2021). The mediating role of resilience and extraversion on psychological distress and loneliness among the general population of tyrol, austria between the first and the second wave of the covid-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12.

<https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.766261>

Material de Suporte

Figura 1

Power Contour

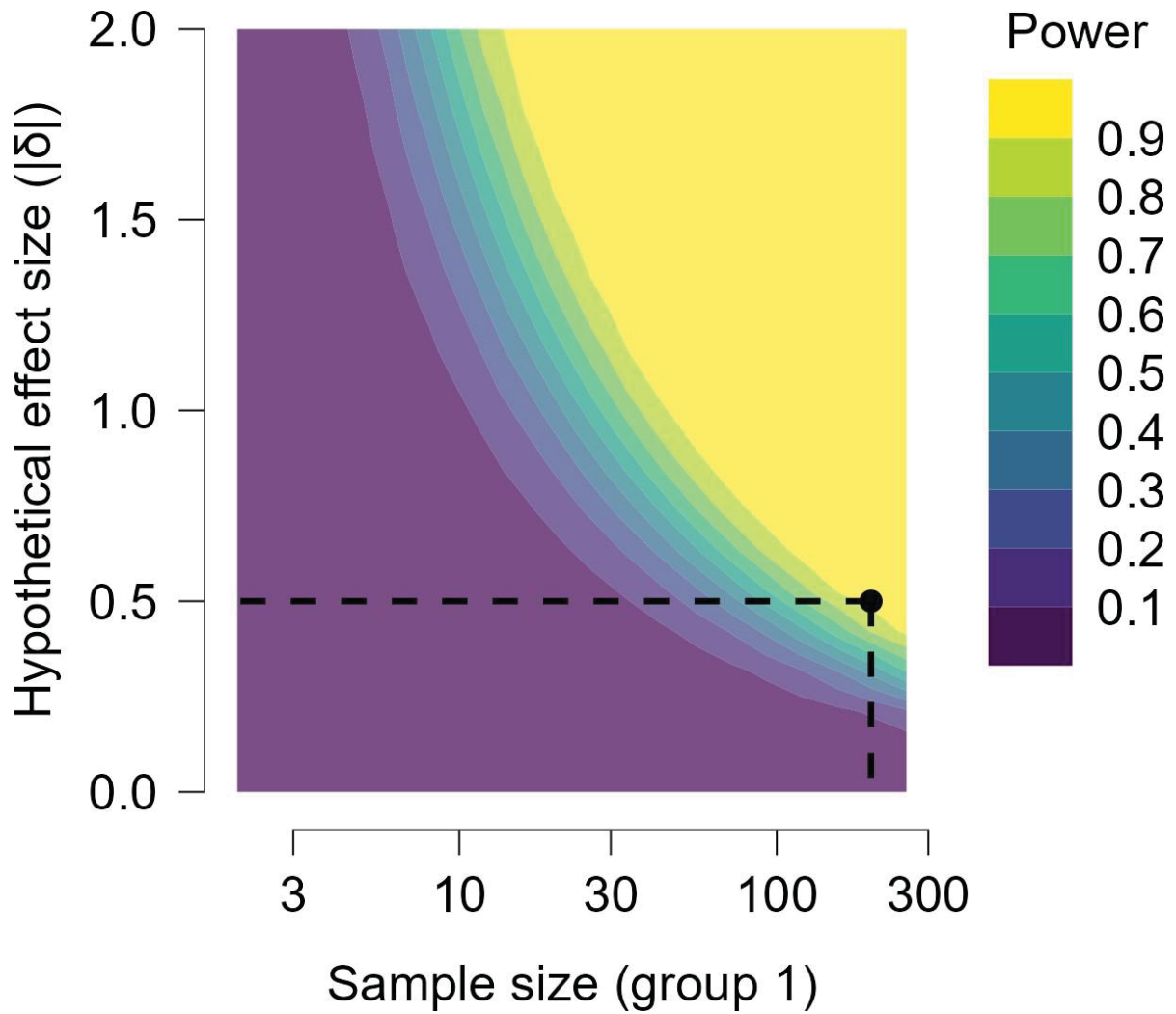
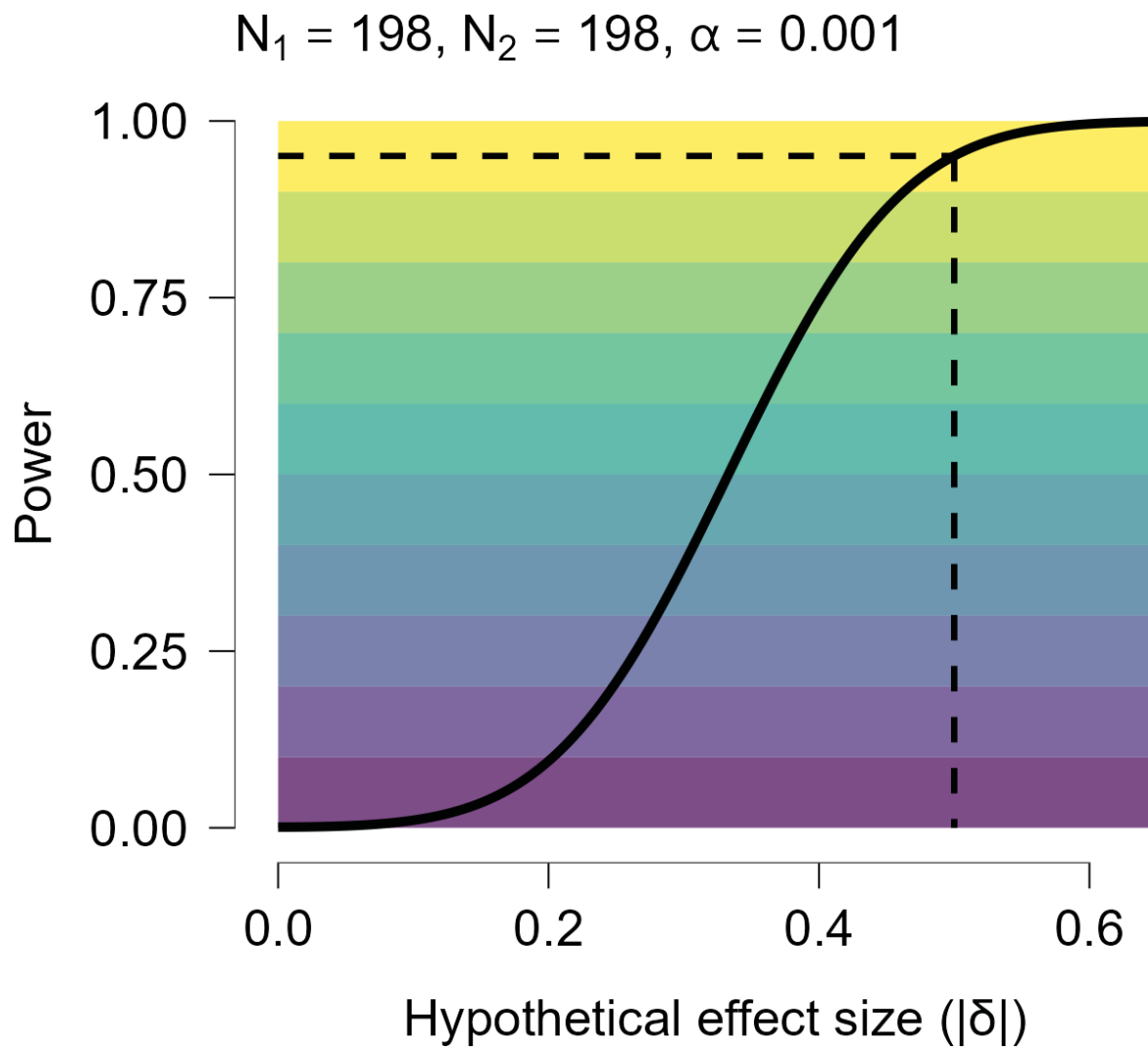


Figura 2

Power Curve by Effect Size



Apêndice A

Questionário Sociodemográfico

1.Idade: __ anos

2.Sexo:

Masculino

Feminino

3.Nacionalidade

Portuguesa

Outra

4.Distrito de Residência

Aveiro

Braga

Bragança

Castelo Branco

Coimbra

Évora

Guarda

Leiria

Lisboa

Portalegre

Santarém

Setúbal

Viana do Castelo

Vila Real

Viseu

5.Estado civil

Solteiro

Casado

Divorciado

Viúva

6.Tem filhos?

Sim

Não

7.Caso tenha dito sim, quantos?

8.Agregado familiar (número de pessoas com quem vive, incluindo você):

1

2

3

4

5 ou mais

9.Grau de Ensino Frequentado

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

10.Profissão:

Estudante

Estudante Trabalhador

11.Qual é o seu curso:

Ciências Sociais e Humanas (Psicologia, Sociologia, etc.)

Ciências Exatas e Tecnologia (Biologia, Matemática, etc.)

Ciências da Saúde (Medicina, Enfermagem, etc.)

Ciências Económicas e Administrativas (Economia, Contabilidade, etc.)

Artes e Letras (Literatura, Belas Artes, etc.)

Ciências Agrárias e do Ambiente (Agronomia, Engenharia do Ambiente, etc.)

12.Caso tenha respondido não, de que curso é aluno?

13. Foi-lhe diagnosticada uma doença mental?

Sim

Não

14.Caso tenha respondido sim, qual?

15.Foi-lhe diagnosticada alguma doença física?

Sim

Não

16.Caso tenha dito sim, qual?

17.Já teve acompanhamento psicológico?

Sim

Não

18.Caso tenha respondido sim, por quanto tempo?

Menos de um ano

Entre 1 e 2 anos

2 anos ou mais

19.Com que frequência pratica exercício físico?

Nunca

1-2 vezes por semana

3-4 vezes por semana

Diariamente

20.Com que frequência utiliza as redes sociais?

Nunca

Raramente

Diariamente

Muitas vezes durante o dia

Apêndice B

Big-Five Inventory

BFI “Como sou eu?”

Abaixo encontram-se um número de características que podem ou não descrevê-lo. Por exemplo, acha que é uma pessoa que gosta de estar com os outros? Por favor, coloque o número que corresponde ao grau em que acredita que a frase o caracteriza, segundo a legenda seguinte. Não há respostas certas nem erradas; responda com sinceridade, de acordo com o seu modo de ser habitual.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Moderadamente	Nem Concordo nem Discordo	Concordo Moderadamente	Concordo Totalmente

Vejo-me como alguém que...

- | | | |
|--|---|---|
| 1. _____ ...é falador(a). | 16. _____ ...gera muito entusiasmo. | 32. _____ ...é atencioso(a) e bondoso(a) com |
| 2. _____ ...tende a encontrar os defeitos dos | 17. _____ ...perdoa com facilidade. | quase toda a gente. |
| outros. | 18. _____ ...tende a ser desorganizado(a) | 33. _____ ...faz as coisas de modo eficaz. |
| 3. _____ ...faz um trabalho cuidadoso. | 19. _____ ...se preocupa muito. | 34. _____ ...permanece calmo(a) em situações |
| 4. _____ ...é deprimido(a), triste. | 20. _____ ...tem uma imaginação ativa. | tensas. |
| 5. _____ ...é original, tem sempre novas ideias. | 21. _____ ...tende a ser sossegado(a). | 35. _____ ...prefere o trabalho rotineiro. |
| 6. _____ ...é reservado | 22. _____ ...geralmente é de confiança. | 36. _____ ...é sociável, amigável. |
| 7. _____ ...é prestável e não inveja os outros. | 23. _____ ...tende a ser preguiçoso(a). | 37. _____ ...por vezes é rude com os outros. |
| 8. _____ ...por vezes pode ser um pouco | 24. _____ ...é emocionalmente estável, não se | 38. _____ ...faz planos e os cumpre. |
| descuidado(a). | aborrece facilmente. | 39. _____ ...fica nervosa(a) facilmente. |
| 9. _____ ...é relaxado(a), lida bem com o stress. | 25. _____ ...é inventivo(a). | 40. _____ ...gosta de refletir, de brincar com as |
| 10. _____ ...tem curiosidade em relação a várias | 26. _____ ...tem uma personalidade assertiva. | ideias. |
| coisas. | 27. _____ ...pode ser frio(a) e assertivo(a). | 41. _____ ...tem poucos interesses artísticos. |
| 11. _____ ...tem muita energia. | 28. _____ ...é perseverante até a tarefa estar | 42. _____ ...gosta de cooperar com os outros. |
| 12. _____ ...inicia muitas disputas com os outros. | concluída. | 43. _____ ...distrai-se com facilidade |
| 13. _____ ...é um(a) trabalhador(a) de confiança. | 29. _____ ...pode ter um humor instável. | 44. _____ ...é sofisticado(a) na arte, música ou |
| 14. _____ ...pode ficar tenso. | 30. _____ ...valoriza experiências artísticas, | literatura. |
| 15. _____ ...é engenhoso(a), um(a) pensador(a) | estéticas. | |
| profundo. | 31. _____ ...por vezes é tímido(a), inibido(a). | |

Adaptação e Validação do Teste de Personalidade Mini-IPIP e Big Five Inventory (BFI) e adultos portugueses
Vanessa de Jesus Simões (e-mail: vanessa-simoes@live.com) 2016

Apêndice C

Coping Styles Questionnaire

CSQ (3)

(Tradução e Adaptação: Pinto Gouveia, J. & Dinis, A., 2007)

Instruções:

Embora as pessoas possam reagir de diferentes maneiras perante situações distintas, todos nós temos um modo característico de lidar com as coisas que nos perturbam. Como é que descreve o modo como tipicamente reage quando está em stress/ quando está perturbado (a)?

Assinale com *Sempre*, *Frequentemente*, *Por vezes*, ou *Nunca* cada uma das afirmações apresentadas.

	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Nunca
1. Sinto-me ultrapassado (a) e à mercê da situação. 1				
2. Elaboro um plano para lidar com o sucedido. 2				
3. Vejo a situação tal como ela é, e nada mais. 3				
4. Sinto-me miserável e deprimido (a). 5				
5. Sinto que ninguém me compreende. 6				
6. Não vejo os problemas ou situações como uma ameaça. 8				
7. Sinto-me sozinho (a) ou isolado. 10				
8. Faço alguma coisa para modificar a situação actual. 12				
9. Sinto-me desamparado (a)_ não há nada que possa fazer acerca da forma como me sinto. 15				
10. Tento encontrar mais informação que me ajude a decidir sobre o que fazer. 16				
11. Guardo as "coisas" só para mim, não deixando que os outros saibam que as coisas estão tão mal. 17				
12. Sinto-me independente das circunstâncias. 19				
13. Fico "imóvel" e espero que as coisas passem. 20				
14. Descarrego as minhas frustrações em cima dos que me são mais próximos. 21				
15. Resolvo o assunto não me identificando com ele. 23				
16. Respondo de forma neutra ao problema. 27				
17. Faço de conta de que não se passa nada, mesmo que me questionem sobre o que me está a perturbar. 28				
18. Mantenho as coisas em proporção (não exagero) _ nada é assim tão importante. 29				
19. Penso que o tempo tudo resolve. 31				
20. Sinto-me completamente despreocupado (a) sobre tudo o que se está a passar. 32				
21. Tento manter o sentido de humor _ rio-me de mim próprio (a) ou da situação. 33				
22. Continuo a pensar sobre o problema na esperança que desapareça. 34				

23. Acredito que posso lidar com a maioria das coisas, com o mínimo de agitação. 35				
24. Sonho acordado (a), a pensar que as coisas vão melhorar no futuro. 38				
25. Tento encontrar uma forma lógica de explicar o problema. 39				
26. Decido que é inútil ficar chateado (a) e ando para a frente com as minhas coisas. 40				
27. Sinto-me sem valor e não importante. 41				
28. Confio no destino _ que as coisas têm um modo de funcionar pelo melhor. 42				
29. Uso as minhas experiências do passado para tentar lidar com a situação. 43				
30. Tento esquecer completamente tudo o que aconteceu. 44				
31. Fico irritado (a) ou zangado (a). 46				
32. Dou total atenção à situação. 47				
33. "Dou um passo de cada vez". 48				
34. Critico-me ou culpo-me. 49				
35. Rezo para que as coisas se alterem. 51				
36. Penso ou falo sobre o problema como se ele não me pertencesse. 52				
37. Falo o menos possível sobre o problema. 53				
38. Preparo-me para o que de pior possa acontecer. 54				
39. Procuro a simpatia das pessoas. 56				
40. Vejo as coisas como um desafio que tem que ser superado. 57				
41. Sou realista na minha abordagem à situação. 58				

Apêndice D

Tolerance to Sexual Harassment Inventory

Em baixo, vai encontrar 10 afirmações. Responda numa escala de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente) consoante a sua concordância com as afirmações.

1. Most women who are sexually insulted by a man provoke his behavior by the way they talk, act, or dress	1	2	3	4	5
2. It is only natural for a woman to use her sexuality as a way of getting ahead at work.	1	2	3	4	5
3. Most men are sexually teased by many of the women with whom they interact on the job.	1	2	3	4	5
4. Encouraging a supervisor's sexual interest is frequently used by women to improve their work situation.	1	2	3	4	5
5. Innocent flirtations make the workday interesting	1	2	3	4	5
6. An attractive woman has to expect sexual advances and should learn how to handle them.	1	2	3	4	5
7. It is only natural for a man to make sexual advances to a woman he finds attractive.	1	2	3	4	5
8. An attractive man has to expect sexual advances and should learn how to handle them.	1	2	3	4	5
9. I believe that sexual intimidation is a serious social problem	1	2	3	4	5
10. A man must learn to understand that a woman's "no" to his sexual advances really means "no".	1	2	3	4	5

Apêndice E

Consentimento Informado

Consentimento Informado

No âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, na Universidade Lusíada de Lisboa, eu, Diogo Miguel, sob a supervisão do Prof. Doutor Miguel Freitas, pretendo realizar uma investigação com os principais objetivos de avaliar e investigar a influência dos vários traços de personalidade nos mecanismos de coping dos indivíduos em resposta ao assédio sexual, compreender como estas estratégias de coping afetam a sua tolerância ou intolerância ao assédio sexual e validar a Escala de Tolerância ao Assédio Sexual para a população portuguesa.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si e pode ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem qualquer prejuízo para si. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, sendo protegidos à luz da proteção de dados e assegurando os princípios éticos de confidencialidade. A participação neste estudo é voluntária e pode ser descontinuada a qualquer momento.

Em caso de dúvida, poderá entrar em contacto através do seguinte endereço de e-mail: 11001023@lis.ulusiada.pt

Dou o meu consentimento informado para a recolha de dados deste trabalho de investigação:

ASSINATURA _____

Apêndice F

Requisição do questionário de estilos de coping

Utilização Questionário



Diogo Miguel <diogofilipe23@gmail.com>
para alexandra.m.b.dinis ▾

09:06 (há 0 minutos) ☆ 😊 ↩ ⋮

Bom dia, estimo que se encontre bem e com saúde.

Sou aluno do 2º ciclo de estudos em psicologia clínica na universidade Lusíada de Lisboa e vinha por este meio solicitar caso fosse possível a sua autorização para usar o questionário por si validado "Coping Styles Questionnaire".

Atenciosamente,

Diogo Miguel,

MSc Student in Clinical Psychology at ULL

MSc Student in Organizational Psychology at Piaget Institute

1st Class Operator at Lidl Portugal

↩ Responder

➡ Encaminhar



Apêndice G

Big Five Inventory Requisição

Utilização Questionário



Diogo Miguel <diogofilipe23@gmail.com>
para vanessa-simoes ▾

09:09 (há 0 minutos)



Bom dia, sou um aluno do 2ºciclo de estudos em psicologia clínica, na universidade Lusíada Lisboa. Vinha por este meio solicitar a sua permissão para a utilização do questionário por si validado (Big Five Inventory).

Atenciosamente,

Diogo Miguel,
MSc Student in Clinical Psychology at ULL
MSc Student in Organizational Psychology at Piaget Institute
1st Class Operator at Lidl Portugal

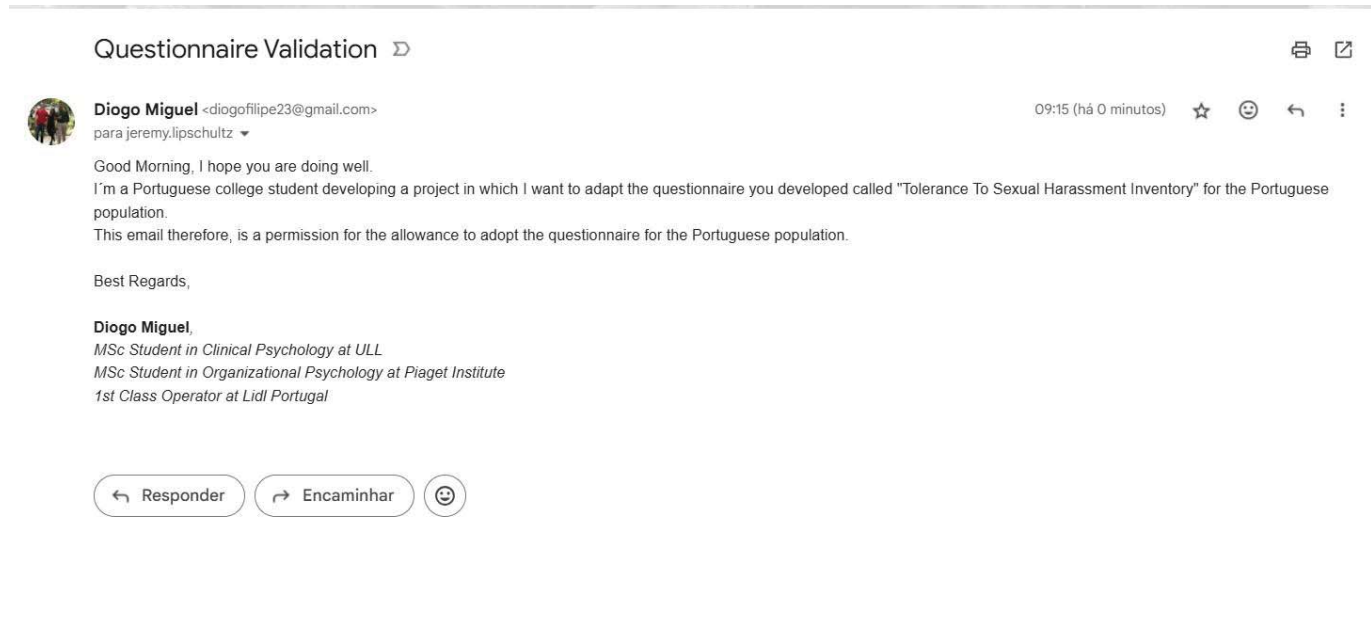
↩ Responder

➡ Encaminhar



Apêndice H

Tolerance To Sexual Harassment Inventory Requisição de Validação



Apêndice I

Coping Styles Questionnaire Autorização de Autor

Fwd: pedido de autorização para utilização do CSQ (3)

Caixa de entrada x

Alexandra Dinis
para mim

16:03 (há 44 minutos)

Caro Diogo,

Espero que se encontre bem.

Em anexo envio o questionário CSQ- Questionário e Estilos de Coping (versão mais recente de 41 itens) para que possa utilizar nos seus estudos.

O Coping Styles Questionnaire (CSQ; Roger, D., Jarvis, G. & Najarian, B., 1993) é um questionário que fornece uma medida das estratégias de coping utilizadas pelos indivíduos quando se encontram perante uma situação percebida como excedendo os seus recursos para lidar com ela. A versão original apresentava 60 itens, sendo constituída por 4 fatores: Coping Racional, Coping por Distanciamento, Coping Emocional, e Coping por Evitamento. A versão mais recente da escala CSQ-3 com 41 itens tem vindo a ser cotada de diferentes formas. Pode ser cotada segundo uma versão de 4 fatores: neste caso os 41 itens são cotados numa escala de Likert que varia entre 3 (sempre) e 0 (nunca). No artigo dos autores originais que lhe envio em anexo pode verificar quais os itens que pertencem a cada um dos 4 factores). Mas este questionário pode também ser interpretado como tendo 3 fatores, reorganizando-se os 41 itens em 3 dimensões, o que conduz a que se tenha que inverter alguns itens. Esta é a cotação para o caso de querer utilizar a versão de 3 fatores. Julgo que nos últimos anos esta versão tem sido a mais utilizada.

Factor 1 (Distanciado/ Emocional)
Dar de **0 pontos** para o **S** (Sempre) até **3 pontos** para **N** (Nunca) para os itens 1, 4, 5, 7, 9, 14, 27, 31, 34, 36, 38, 39.
Dar **3 pontos** para **S** (Sempre) até **0 pontos** para **N** (Nunca) para os itens 3, 6, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 23, 26.

Factor 2 (Racional)
Dar **3 pontos** para **S** (Sempre) até **0 pontos** para **N** (Nunca) para os itens 2, 8, 10, 25, 29, 32, 33, 40, 41.

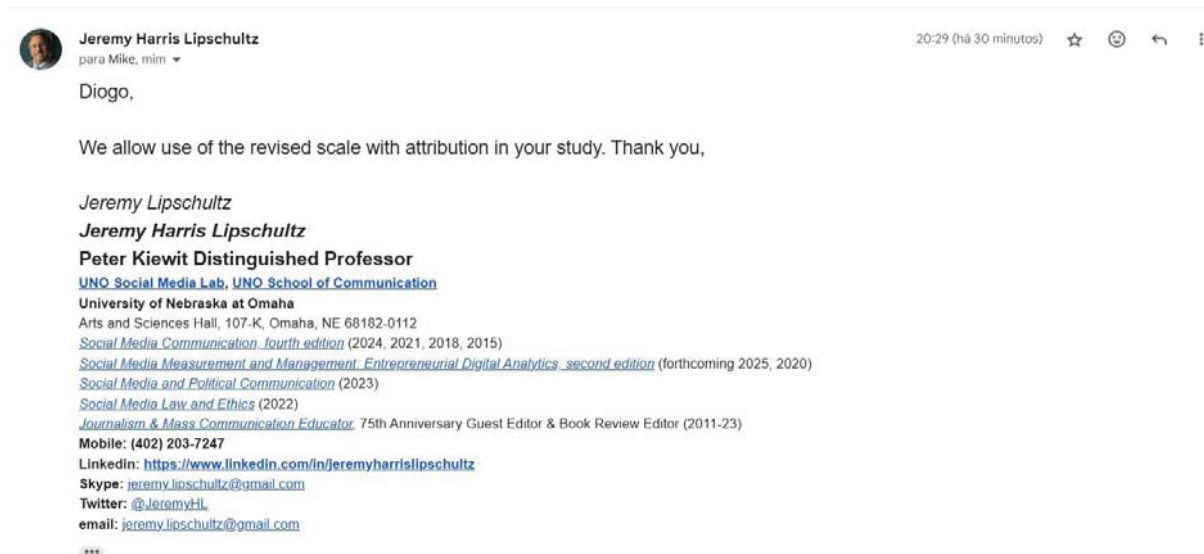
Factor 3 (Evitamento)
Dar **3 pontos** para **S** (Sempre) até **0 pontos** para **N** (Nunca) para os itens 11, 13, 17, 19, 22, 24, 28, 30, 35, 37.

A cotação segundo 3 ou 4 fatores depende da finalidade dos estudos (envio-lhe alguns estudos em anexo onde foram utilizadas estas duas versões da escala).

Na sua versão original, o questionário apresenta valores satisfatórios de consistência interna: .85, .90, .76 e .69 para o Coping Racional, Distanciamento, Emocional e Evitamento, respectivamente. A versão portuguesa do questionário apresenta valores de consistência interna que variam entre .77 (racional), .76 (emocional), .74 (distanciado/ desligado) e .70 (evitante).

Apêndice J

Tolerance to Sexual Harassment Inventory Autorização de Autor



Apêndice L

Inventário de Tolerância ao Assédio Sexual

Em baixo, vai encontrar 7 afirmações. Responda numa escala de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente) consoante a sua concordância com as afirmações.

1. É natural que uma mulher utilize a sua sexualidade como forma de conseguir ficar à frente dos outros no trabalho.	1	2	3	4	5
2. A maioria dos homens são provocados sexualmente por muitas das mulheres com quem interagem no trabalho.	1	2	3	4	5
3. Incentivar o interesse sexual de um supervisor é frequentemente utilizado pelas mulheres como forma de melhorar a sua situação laboral.	1	2	3	4	5
4. Os flertes inocentes tornam o dia de trabalho interessante.	1	2	3	4	5
5. Uma mulher atraente deve esperar avanços sexuais e deve aprender a lidar com eles.	1	2	3	4	5
6. É natural para um homem fazer avanços sexuais a uma mulher que ele ache atraente.	1	2	3	4	5
7. Um homem atraente deve esperar avanços sexuais e deve aprender a lidar com eles.	1	2	3	4	5

Nota. A cotação do questionário, resulta da soma de todos os itens. Quanto menor a pontuação total, mais intolerante o participante é em relação ao assédio sexual.